

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

“Entre fronteiras e histórias: vivências de crianças imigrantes venezuelanas em Roraima - RR”

Julia Lucia Helena Lauriola

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos à obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia sob orientação da Profa. Soraya Fleischer (DAN/UnB) e co-orientação da Profa. Luciana Hartmann (CEN/UnB).

Brasília, Dezembro de 2020.
Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Antropologia

**“Entre fronteiras e histórias: vivências de crianças
venezuelanas em Roraima – RR ”**

Julia Lucia Helena Lauriola

Profa. Dra. Soraya Fleischer – Presidente da Banca. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Luciana Hartmann – Vice-Presidente da Banca. Departamento de Artes Cênicas, Universidade de Brasília.

Profa. Fernanda Rifiotis – Membro Titular da Banca. Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Christine Chaves - Membro Suplente da Banca. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

Brasília, dezembro de 2020.

Agradecimentos

A primeira pessoa que eu quero agradecer aqui é minha mãe. Ela é minha maior motivadora e inspiração nessa trajetória. Minha mãe é meu maior exemplo e sempre me incentivou ao estudo da Antropologia e das ciências sociais. Foi minha mãe que me apresentou o projeto e foi uma das principais incentivadoras dessa pesquisa e também por isso eu só tenho a agradecer. Obrigada por me apoiar e me dar uns puxões de orelha de vez em quando.

Um grande agradecimento à Miriam, que me guiou nessa pesquisa, confiou em mim e me abriu as portas da Casa da Música para mim. Miriam é uma pessoa incrível que mudou minha visão de mundo e me fez perceber o quão nobre é ajudar o outro. Ela me ensinou muito e se tornou uma grande amiga. Agradeço por seus conselhos e suas palavras de amor e de esperança que sempre aquecem o coração. Agradeço muito as crianças do projeto e em especial Anthony por ter compartilhado comigo sua história de resistência. Agradeço também à Cáritas pelo primeiro contato com a temática migratória, por ter me dado a oportunidade de compartilhar meus conhecimentos da língua portuguesa com imigrantes recém-chegados ao Brasil.

Agradeço minha querida orientadora Soraya por ter sido a primeira professora com a qual me identifiquei e que me mostrou a diversidade na Antropologia. Soraya me ensinou e incentivou muito durante o curso, sempre acreditando no meu potencial. Graças à essa professora passei a enxergar a Antropologia com outros olhos, passei a ter um olhar mais cuidadoso, mais curioso e mais criativo.

Agradeço imensamente à minha co-orientadora Luciana que me fez acreditar nesse tema e elevou o nível da minha pesquisa. Sua ajuda foi fundamental na realização desse trabalho e você me fez reatar a esperança nele quando me senti perdida. Você foi como uma luz no meu caminho e sou eternamente grata por ter te conhecido.

Agradeço minhas irmãs Chiara e Barbara e meu pai por sempre estarem por perto. Agradeço meu cachorro Blue Jeans que me alegra todos os dias. Agradeço à Rita pelas conversas, fofocas e incentivos, ao meu querido amigo Pedro por sempre me dar dicas uteis e ser meu grande fã, juntos a universidade fica mais divertida, à Ana por ter sido minha colega de curso, ao Gabriel por ter me mostrado o grupo de teatro e pelas melhores conversas filosóficas no RU, à Maria por me ajudar a admirar a Antropologia do jeito que ela admira, à Jocelina por me guiar nas travessias do curso, ao meu amigo André pelas comidinhas tops, ao Charlon pelas massagens relaxantes pós provas, ao Fefel por ser sempre tão maravilhoso e finalmente à Domitila por ser sempre tão sensata.

RESUMO

Este trabalho busca colocar em debate algumas questões migratórias com as questões de infância a partir de narrativas de crianças imigrantes venezuelanas que fazem parte do Projeto da Casa da Música, em Pacaraima – Roraima. A escrita deste texto foi realizada dentro do contexto pandêmico de 2020, que atravessa a vida dessas crianças e influencia diretamente na metodologia da pesquisa. Um estudo de caso de uma criança venezuelana que é impedida de voltar ao seu país de origem em função do fechamento das fronteiras decorrentes da pandemia é um dos principais focos da pesquisa. Como a criança vivenciou esse processo? Qual foi o contexto dessa imigração forçada? Partindo da experiência presencial vivida em 2019, descrevo e analiso as atividades do Projeto da Casa da Música, antes e depois da pandemia, na tentativa de dar mais visibilidade a esse projeto que acolhe crianças imigrantes e refugiadas em Pacaraima, que oferece aulas de português, ensina música e fornece refeições à estas crianças. Como a pandemia afetou os encontros do projeto antes realizados diariamente? Quais são as novas estratégias criadas para lidar com esse novo contexto pandêmico? Analiso ainda também materiais audiovisuais realizados por algumas crianças do projeto já no contexto da pandemia, nos quais elas narram suas trajetórias e seu processo migratório da Venezuela para o Brasil. Priorizar o ponto de vista da criança como centro é a característica principal dessa pesquisa, que se alinha teoricamente ao campo dos estudos da infância na antropologia.

SUMÁRIO

UMA LONGA INTRODUÇÃO.....	7
1. A caritas em Boa Vista e o “pré-campo”	7
2. A casa da Música.....	13
3. A pandemia e a pesquisa.....	19
 CAPÍTULO 1:	
IMIGRAÇÃO VENEZUELANA	23
1.1 Crise na Venezuela e Infância.....	23
1.2 A Casa da Música é migrante.....	28
1.3 Virada de estratégias metodológicas devido a pandemia...30	
 CAPÍTULO 2:	
A HISTÓRIA DE ANTHONY.....	38
2.1 “Anthony ficou do outro lado”	38
2.2 Estudo de caso de uma criança desacompanhada.....	45
 CAPÍTULO 3:	
PRODUÇÕES DAS CRIANÇAS IMIGRANTES NA PANDEMIA.....	49
3.1. Deixem as crianças falarem.....	49
3.2 Senta que lá vem as histórias.....	51
3.3 Crianças imigrantes, crianças protagonistas.....	57
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

Siglas

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AICAEP	Associação Internacional Canarinhos da Amazônia Embaixadores da Paz
EAD	Educação a Distância
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
PRF	Polícia Rodoviária Federal
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNFPA	Fundo de Populações das Nações Unidas

Lista de Imagens

1. Julia e Álvaro na aula de língua portuguesa para Venezuelanos da Cáritas (p. 10).
2. Cerimônia de entrega dos certificados aos alunos do curso de português da Cáritas (p. 12).
3. Julia com um de seus alunos entregando o certificado (p. 12).
4. Cestas básicas de alimentos para as famílias da Casa da Música (p. 16).
5. Sacos de pães para as famílias da Casa da Música (p. 16).
6. Ensaio musical com as crianças na Casa da Música (p. 17).
7. Ensaio musical com as crianças na Casa da Música (p. 17).
8. Distribuição de máscaras cirúrgicas para as crianças da Casa da Música (p.20).
9. Distribuição de cestas básicas para as crianças do projeto (p. 20).
10. Miriam com crianças do projeto na distribuição de cestas básicas (p. 20).
11. Miriam e doação de chocolates de Páscoa para o projeto (p. 20).
12. Miriam na distribuição dos pães para venezuelanos em Pacaraima (p. 35).

Uma longa Introdução...

Um dos meus grandes sonhos é de me reencontrar com meu pai e meu irmão para estarmos de novo juntos como uma família unida e amorosa.

Angeli

1. A Cáritas em Boa Vista e o “pré-campo”

Esse trabalho busca refletir sobre a percepção das crianças, no que diz respeito a seus processos migratórios, trazendo mais especificamente falas de crianças venezuelanas que imigraram para o Brasil, a partir da crise na Venezuela desencadeada em 2016. Meu interesse pelo tema cresceu a partir de uma viagem que eu fiz para Boa Vista, capital do Estado de Roraima em dezembro de 2018. Viajei para trabalhar, durante um mês, como voluntária na Cáritas¹, ONG que no momento acolhe e apoia refugiados venezuelanos no Brasil. Tendo morado em Boa Vista, boa parte da minha infância, já conhecia um pouco a cidade e fiquei sabendo desse trabalho voluntário através de uma amiga da família que trabalha na Cáritas.

Com o aumento do fluxo Venezuelano para o Brasil desde 2016, devido à crise humanitária da Venezuela, a Cáritas passou a atender esse público, ajudando os imigrantes com a nova documentação, a encontrarem moradia, fornecendo cestas básicas, fraldas, entre outras diversas funções. Eram sempre muitas pessoas a serem atendidas e diversos tipos de demanda. Voluntários dispostos a ajudar eram sempre bem-vindos, por isso mandei meu currículo e fui chamada.

Comecei a trabalhar na Cáritas no dia 4 de janeiro de 2019. No dia 3 de janeiro de manhã fui chamada para um breve treinamento. Havia outros dois voluntários que vinham de outras regiões do Brasil: o Álvaro, estudante de comunicação que vinha de São Paulo, e uma semana depois chegou o Lucas, mestrando em filosofia que vinha de Curitiba. Desempenhávamos mais ou menos a mesma função e logo fizemos amizade. A irmã Valdiza, uma das coordenadoras das atividades da Cáritas, falou um pouco das atividades que eram feitas ali e nos mostrou os espaços da sede, explicou o que era cada sala e no terceiro andar abriu as portas de uma sala enorme e disse: “É aqui que vocês vão dar aula”.

Quando terminamos o tour pela sede, Ander, um dos funcionários da Cáritas, nos explicou como era feito o registro digital de residência, de solicitação de refúgio e como

¹ ONG com filiação com a igreja católica que atualmente acolhe imigrantes no Brasil
<https://diocesederoraima.org.br/index.php/category/caritas/>

funcionava a máquina de impressão de fotos. Nós tínhamos que tirar uma foto com nossos celulares “dos ombros para cima” de cada imigrante venezuelano, transferir para o computador, editar o tamanho para 3x4, imprimir a foto, recortá-la e entregá-la ao fotografado. Essa foto seria requisitada na Polícia Federal para os novos documentos de identidade. Assim como Ander, muitos da equipe da Cáritas, que faziam atendimento ao público, também eram venezuelanos, o que facilitava muito a comunicação com os venezuelanos que seriam atendidos. Enquanto eu, Álvaro e Lucas fazíamos um trabalho mais administrativo, o resto do grupo atendia diretamente às pessoas, explicava para que servia cada documento, escutava suas demandas e os orientava.

Eríamos uma equipe de mais ou menos 15 pessoas atendendo e todos os dias havia mais de 200 pessoas do lado de fora aguardando serem atendidas. Nossa meta era atender no mínimo 80 pessoas por manhã, mesmo assim quase nunca cumpríamos nossa meta. Era muito devastador ter que pedir para centenas de famílias que esperaram a manhã inteira na fila para “voltarem amanhã mais cedo”.

A impressora das fotos ficava na mesma sala onde havia atendimentos para mulheres com uma assistente social venezuelana. Eu me sentia meio constrangida toda vez que entrava na sala, mas pedia licença e ficava em silêncio imprimindo as fotos. Eu tirava e editava o máximo de fotos possíveis para imprimir tudo de uma vez e ter que entrar menos vezes na sala e atrapalhar menos, pois sentia que toda vez que eu entrava, quem estava sendo atendido, na maioria das vezes uma mãe com um bebê de colo, ficava um pouco incomodada, e com razão. Certamente não é muito confortável você estar se abrindo com uma profissional, falando de suas dificuldades, e uma pessoa ficar entrando e saindo toda hora. Comuniquei à irmã Valdiza que achava que essa minha entrada e saída repentina atrapalhava o trabalho da assistente social, mas infelizmente ela disse que não havia outra sala disponível naquele momento.

Me lembro de uma vez em que uma irmã que tinha acabado de voltar das férias, atendia a uma mulher com um bebê de colo muito pequeno. Ele devia ter poucos meses de vida, era tão pequeno que mal abria os olhos, e ela o segurava com firmeza em seus braços. O bebê dormia, mas essa mulher chorava muito. Quando entrei na sala não consegui não prestar atenção no desespero que pude ver no rosto dessa mãe. Ela disse que havia chegado há pouco tempo com o bebê no Brasil e que seu marido havia ficado na Venezuela. Disse que

precisava urgentemente de um trabalho, pois não tinha mais dinheiro, não tinha comida, conseguia se alimentar apenas uma vez por dia, sentia-se muito triste e praticamente não conseguia mais produzir leite. Ela soluçava e dizia coisas realmente avassaladoras, de maneira rápida e preocupada. De repente a irmã a interrompeu e perguntou porque seu marido não tinha vindo também para o Brasil, perguntando como ela pensava em trabalhar com um bebê de colo recém-nascido. Para a irmã, a mão de obra e o trabalho braçal de seu marido seriam muito mais “úteis” no sentido que seria mais fácil para ele arrumar um emprego. A mulher se pôs a chorar ainda mais, estava completamente inconsolável. Eu nem sabia mais o que eu estava fazendo naquela sala, tinha perdido completamente o foco. Saí às pressas com lágrimas nos olhos e me tranquei no banheiro. Eram muitos pensamentos e muitas emoções passando por mim ao mesmo tempo. Senti raiva do descaso com o qual o Estado não lida com certas questões, raiva das injustiças e da tamanha desigualdade. Senti raiva da invisibilidade e da indiferença. Senti raiva da miséria. Respirei fundo 5 vezes, enxuguei as lágrimas e voltei com a cabeça baixa, tentando disfarçar os olhos avermelhados. Fui tomar água e resolvi levar um copo d’água para aquela mãe. Quando me aproximei da sala vi a mãe do lado de fora sentada num cantinho do chão. Ofereci o copo d’água e fui procurar uma cadeira. Efetivamente não havia mais cadeiras livres no térreo, então subi até o segundo andar e peguei uma das carteiras de sala de aula. Ela sorriu e agradeceu, apoiando um pouco o bebê na mesa para descansar os braços. Perguntei em um portunhol bem fraco, tentando ser mais delicada possível, porque ela estava sentada ali. A irmã havia dito para ela esperar do lado de fora enquanto terminava os atendimentos, pois depois a levaria para um abrigo de mulheres. Sorri, apertei sua mão e voltei a imprimir as fotos.

De manhã nós ajudávamos com a parte da documentação, fazíamos um cadastro no computador e fornecíamos vistos de residência e de refúgio, com toda a papelada, para encaminha-los a Polícia Federal. Durante a tarde, ministrávamos aulas de português para os venezuelanos que haviam se matriculado no curso intensivo de português na Cáritas, usando como suporte o material didático que havia sido elaborado e fornecido pela Universidade Federal de Roraima, especificamente voltado para o público Venezuelano.

Eu nunca tinha dado aula de português, mas sabia me virar. Na sala havia cadeiras com mesinhas individuais e tinha também um quadro branco. Havia também canetas de quadro azuis e vermelhas. Tudo parecia em ordem, até fazermos a chamada. A medida que as pessoas

respondiam, nós distribuíamos as apostilas. No entanto, tínhamos apenas 30 exemplares e havia mais alunos na sala no primeiro dia de aula. Na verdade, esse curso intensivo de português tinha um número de inscrições limitadas, apenas 30, mas nós tínhamos uma lista de inscrições com 34 nomes. Foi um pouco difícil distribuir as apostilas, mas os alunos sempre davam um jeito. Alguns dividiam a apostila durante a aula e faziam cópias dos exercícios para fazer em casa. Outros tiravam fotos da apostila e transcreviam os exercícios no caderno. Durante o curso também sempre aparecia alguém interessado e eu nunca fechava as portas. Às vezes um aluno trazia um amigo, uma aluna trazia a mãe, a irmã. Alguns gostavam tanto da aula que ao final vinham me pedir a minha apostila emprestada para tirar xerox, já que estava com todos os “exercícios resolvidos” e eles não poderiam comparecer às outras aulas. Outros apenas iam por curiosidade para assistir à aula e aprender. Havia uma mãe que vinha com seu bebê de colo a todas as aulas e estava sempre muito atenta. Alguns dias depois, ela começou a trazer também seu marido que revezava com ela os cuidados com o pequeno.

Figura – 1 : Cáritas



Fonte: Foto Julia, 2019

A grande maioria dos alunos percorria mais de 20km por dia para ter 3 horas de aula de português. Todos gostavam muito das aulas e eram muito participativos, o que me incentivava ainda mais. Um dia fizemos uma simulação de entrevista de emprego, coisa que muitos pediram. Na turma havia advogados, empresários, engenheiros civis e de *software*, professores universitários, professores de educação física e duas jovens adolescentes que sonhavam em ir para universidade. Rosalia queria fazer medicina e Katerin queria fazer educação física. Fiquei impressionada com o perfil altamente qualificado da grande maioria dos alunos.

Nesse contexto, tive a ideia de ensinar algumas músicas em português. A música para mim sempre foi um jeito divertido e eficaz para aprender um outro idioma. O Álvaro também achou uma ideia ótima e sugeriu que eu escolhesse uma música. Escolhi “Fico assim sem você” de Adriana Calcanhotto, um clássico. Decidimos imprimir a letra para cada aluno e deixamos um espaço entre cada estrofe, pois faríamos o exercício de tradução junto a eles na sala de aula e eles escreveriam embaixo o significado de cada palavra em espanhol. Os alunos AMARAM, acharam muito divertida a dinâmica e originais os trocadilhos de “avião sem asa, fogueira sem brasa, futebol sem bola, piu-piu sem frajola”. Acabou sendo uma troca muito interessante porque não era mais apenas eu ensinando português, mas eram eles também me ensinando espanhol. No final da aula todo mundo já tinha decorado o refrão da música. Repetimos a dinâmica com “Velha infância” dos Tribalistas e “Boa Sorte” de Vanessa da Mata e para minha surpresa algumas mulheres da turma conheciam as músicas. Uma delas até falou que estava aprendendo a tocar “Beija eu” no violão. Ao final da aula todo mundo tinha várias sugestões de músicas, uma música que ouviam direto na rádio, que as vezes até cantavam, mas que não sabiam o significado. Depois daquele dia, no final de cada aula, alguém colocava uma música brasileira e a sala de aula virava ou uma roda de samba, ou uma sala de pagode ou, na maioria das vezes, um baile funk. A música foi um jeito que encontramos de extravasar um pouco as múltiplas dificuldades do cotidiano, um jeito de interagir, socializar e ficarmos mais próximos também. Dançar, mexer o corpo, cantar e dar muitas gargalhadas. Tudo isso sem deixar de aprender uma nova língua. Pelo contrário, eles se aproximavam cada vez mais da cultura brasileira. Já ali pude perceber o grande potencial da música como ferramenta educativa e como uma espécie de terapia.

Após essa atividade, que foi um sucesso, nós vimos que a vontade de aprender a língua entre os alunos só cresceu. Álvaro sugeriu, então, de fazermos uma exibição de filmes nacionais também, uma sessão de cinema. Ele escolheu “Minha mãe é uma peça”. Como eu nunca havia assistido esse filme e a ideia foi dele não tive como contrariar. Na nossa última semana de aula, conseguimos um projetor e a turma toda assistiu ao filme. Digamos que foi meio difícil de entender tudo, o áudio não estava muito bom e o personagem principal fala de um jeito bem característico e meio rápido. O engraçado foi que mesmo sem entender exatamente o que estava sendo dito, o ator era tão bom e engraçado que ouvi muitas risadas durante o filme. Álvaro pediu também uma resenha do filme e fez um esquema do que deveria

ser dito na resenha. Na correção eu não prestei muita atenção nisso, pois a maioria dos *feedbacks* foi mais sobre a própria percepção e partes preferidas do filme. O que eu achei bem mais interessante do que um mero resumo do filme. Aquela seria a última atividade avaliativa do curso. Eu e Álvaro corrigimos juntos os trabalhos, esclarecemos algumas dúvidas e depois alguns quiseram ler em voz alta para a turma o que haviam escrito.

No final do curso tivemos uma cerimônia de entrega dos certificados. Era inquestionável o orgulho e a felicidade de cada aluno ao receber esse diploma. Fizemos um grupo de *whatsapp* em que até hoje alguns colegas me mandam notícias e ainda me chamam de “professora”.

Figura 2 - : Cáritas



Fonte: Foto Julia, 2019

Figura 3 - : Cáritas



Fonte: Foto Julia, 2019

2. A Casa da Música

Nessa viagem também tive a oportunidade de conhecer o projeto da Casa da Música, em Pacaraima. Minha mãe é antropóloga e desde 2016 ela começou a se interessar pelo fluxo migratório do povo indígena *Warao* que também se intensificou com a crise da Venezuela. Ela fazia viagens frequentes para Boa Vista e visitava os abrigos indígenas da região. Na maioria das vezes que ia para Pacaraima ela ficava hospedada na casa da Miriam, coordenadora do projeto da Casa da Música. Minha mãe sempre me contava histórias sobre as crianças do projeto, sobre as lutas e conquistas de Miriam. Uma vez me contou a história de um menino que adorava as aulas de canto, mas que um dia parou de frequentar a casa da Música. Miriam achava que era porque algumas crianças tiravam sarro dele porque ele ia descalço. No dia seguinte minha mãe comprou um chinelo novo para ele e ele voltou a ir as aulas. Ela disse que se emocionou muito ao ver a reação dele ao receber as havaianas e ela se emocionou de novo contando essa história, assim como eu ao ouvi-la.

Quando eu fui para Boa Vista não tinha dúvida de que, se surgisse a possibilidade, eu conheceria a Casa da Música. Miriam também ficou sabendo da minha chegada e ficou empolgada, se articulando com algumas pessoas para programar minha visita. São cerca de 2h e meia de carro de Boa Vista até Pacaraima. Miriam disse que havia uma amiga sua que estaria vindo na sexta com um ônibus do quartel militar, a Leila, que disse que iria ver com seus superiores se era possível me levar também nessa “operação”. A resposta foi “positiva”. O ônibus sairia às 6:30 da manhã de uma das bases militares que ficam em Boa Vista. Leila me passou o endereço e o número certinho do batalhão, explicou que era bom eu ir com o cabelo amarrado e de calça jeans. Fiz uma mala pequena e saí de casa às 5:30 da manhã. Na portaria um homem de uniforme fez algumas perguntas e olhou meio desconfiado. Nós respondemos, mas ele ainda parecia meio confuso, no final abriu as portas mesmo assim. O espaço era enorme perguntamos então onde estava o ônibus que ia para Pacaraima, um soldado apontou mais afrente um ônibus. Desci do carro e fiquei sentada num banco esperando, mandei mensagem pra Leila, dizendo que eu já tinha chegado. Alguns rapazes se aproximaram e começaram a puxar papo. Quem eu era, de onde eu era, o que estava fazendo ali e etc. Quando Leila chegou foi fácil identificá-la, afinal, era a única mulher além de mim que subiu no ônibus. Eu e Leila conversamos a viagem inteira. Ao chegarmos no Abrigo de Pacaraima, Miriam já me esperava. Fui tão bem acolhida com aquele sorriso e abraço forte que já me senti em casa.

Era uma casinha no topo de um pequeno morro muito graciosa. Se comparadas as outras casas da rua, a Casa da Música era muito bonita. Isso foi uma coisa que me chamou logo a atenção: o contraste. A maioria das ruas não eram asfaltadas, havia várias poças de água parada, muitas casas improvisadas e inacabadas, e de repente no topo de um morro havia uma pequena casa rosa rodeada por flores brancas, a Casa da Música. Era literalmente o que poderíamos chamar de casa de bonecas. Quando a vi foi a primeira coisa que eu pensei. Havia uma placa muito bonita pendurada na parede perto da porta onde esculpida na madeira dizia: Casa da Música. “Foi um amigo meu que fez” Disse Miriam. Entrei na casa e ela me mostrou o quarto onde eu iria ficar. Tinham três mulheres que arrumavam a cozinha e sorriam incessantemente. Miriam explicou que elas ajudavam com a casa e preparavam as refeições para as crianças. Saímos mais uma vez e ela me mostrou o grande espaço que havia conseguido montar para realizar os ensaios. Era como se fosse um largo palco e o público fosse a floresta que rodeava esse espaço. O chão era todo revestido de um piso de borracha macio escuro e havia uma tenda branca que cobria todo o espaço.

No sábado as crianças teriam um ensaio com o maestro e eu finalmente poderia conhecê-las. Miriam me mostrou várias fotos e vídeos de eventos, das apresentações das crianças e de viagens. As crianças as vezes viajavam também para se apresentar em outras regiões do Brasil. Era muito bonito ver seus sorrisos nos ônibus, animadas com a viagem. A comoção que esse conjunto de vozes geravam no público era inquestionável. Em alguns vídeos era possível ver muitas lágrimas em quem os assistia. Cada apresentação tinha toda uma performance envolvida. As vezes uma voz solo se sobressaía, às vezes um menino dançava enquanto o coro o acompanhava. Era possível entender que havia todo um ensaio e um trabalho coletivo por trás daquela performance. Miriam diz que é muito perfeccionista e nesse sentido as vezes é exigente, mas o resultado final sempre faz valer a pena todo o esforço e a disciplina. Miriam inclusive falou que gostaria de fazer um curta-metragem com todos aqueles passeios, viagens, apresentações e conquistas. Eu fiquei muito animada com essa ideia brilhante, mas não sabia se conseguiria manusear todas as ferramentas necessárias para elaborar um curta. Mas disse que eu poderia tentar.

A casa da Música é um espaço que acolhe as crianças e também é o espaço da música. Nesta casa Miriam dá aula de canto e realiza diversas oficinas. Antes da pandemia as crianças frequentavam a casa da Música de segunda a sexta, e tinham aulas de música e de português.

Os jovens que fazem parte do projeto há mais tempo, com faixa etária de 13 a 17 anos, são chamados de *master class*, e são treinados para se tornarem líderes musicais e ajudarem os mais novos. Os mais novos, que chegaram a pouco tempo, são os canarinhos, com faixa etária de 5 a 10 anos. Todos juntos formam o coro base e são chamados de canarinhos pelo projeto por formarem um conjunto de vozes como a de vários canarinhos que cantam juntos para despertar o mundo diante de tantas injustiças sociais. Em meio a tantas dificuldades, penso que ter um espaço que incentiva também o fortalecimento de afetos é essencial. Em meio aos inúmeros conflitos na fronteira, a fome, a violência, a insegurança e ao medo, Míriam criou um espaço de afeto, de amizades, de aprendizagem e também de disciplina. Um espaço de encontros inesperados e que valoriza a diversidade. A Casa da Música busca ser uma espécie de parada, uma estação, onde as crianças recebem uma capacitação e um apoio de refúgio, facilitando também o processo de integração. É importante ressaltar que o projeto foca nas crianças, pois são elas que cultivam os laços com o projeto, ao mesmo tempo que as famílias aos poucos e em algumas situações também são envolvidas e beneficiadas, o que indica mais um tipo de agência das crianças nos deslocamentos migratórios.

Depois do almoço delicioso eu me ofereci para ajudar Helen a montar as cestas básicas com estes alimentos. Passamos a tarde fazendo *kits* com arroz, feijão, pão, manteiga, leite em pó entre outras coisas para distribuir às crianças do projeto. Helen é uma das cozinheiras do projeto, também escapando da crise. Ela me contou que veio para o Brasil com seus dois filhos gêmeos de 10 anos que também fazem parte do projeto, mas que sua filha mais velha havia ficado na Venezuela com o pai.

“Você sente falta da Venezuela?” Perguntei.

“Si, si e mi hija se quedó haya con el padre.” Respondeu Helen.

“Porque?” Perguntei novamente.

“Ella no quiere venir acá. Ella tiene los amigos, el novio. Ella quiere hacer una universidad. Quiere ser médica e aquí es muy difícil.”

“Verdade. Aqui tem vestibular né, poucas vagas, muita concorrência.”

“Exactamente. Pero no sé. Ahora es un momento muy crítico allá. Yo ya no podía mantenerme más. Allí yo tenía mi casa, un coche. Yo tuve que vender para venir hasta aquí. Es muy difícil sabes? Es muy difícil dividir la familia así y no estar segura de nada.”

Helen tirou a carteira do bolso e me mostrou uma foto de sua filha.

“Ela é linda, parece muito com você.” Disse.

Helen sorriu emocionada. Eram muitas caixas de papelão lacradas, com diversos tipos de alimento. Nós abrimos todas e depois íamos colocando um item de cada em cada sacola.

Todas aquelas caixas juntas pareciam até um depósito de supermercado, fiquei pensando comigo mesma que era muita comida e que demoraríamos a tarde inteira para montar todos os *kits*.

“Nossa, quanta comida” eu disse.

“Yo creo que son más de 50 niños, entonces 50 familias. Toda esa comida es distribuída para los niños de la organización, pero ellos comparten todo con su familia que también son beneficiados. Entonces si piensas bien, no es mucha comida.”

Quando terminamos, tirei fotos e compartilhei na minha rede social do *instagram*, pois queria divulgar o projeto explicando um pouco do que estava sendo feito. Na imagem quatro coloquei as *hashtags* #Acnur e #Casadamusica, pois a ACNUR fornece um apoio financeiro ao projeto². Na imagem cinco escrevi “É muito pão, é pouco pão”. Tentei representar o primeiro impacto que eu tive ao ver toda aquela comida junta e o choque de realidade que tive quando Helen disse que são mais famílias e mais bocas, do que pão. Isso me fez refletir sobre o acúmulo e a escassez, sobre a desigualdade.

Figura 4 e Figura 5 : Casa da Música



Fonte : Foto Julia, 2019.

No sábado as crianças chegaram cedo e eu acordei com a música. Estavam todas sentadas em cadeiras ao redor do maestro que tocava teclado, enquanto eu as espiava da janela. Miriam me viu e disse para irmos lá fora assistir o ensaio. Eram vozes muito delicadas que traziam uma espécie de paz. Lembrei de minha irmã mais nova quando eles cantaram *Recuerdame*, música que ela adorava.

Figura 6 e 7 : Casa da Música

² A ACNUR fornece mensalmente um apoio financeiro à Casa da Música.



Fonte: Foto Julia, 2019.

No domingo, dia de folga do projeto, fui comprar pão com Helen de manhã. Quando voltamos tinham três mulheres na mesa conversando com Miriam. Uma delas era freira, as outras duas eram voluntárias da ACNUR. Coincidentemente elas iriam voltar no final da tarde para Boa Vista. Aproveitei e peguei a carona com elas, embora meu desejo fosse ficar por mais tempo.

Voltei à Pacaraima uma vez ainda nesta viagem com o pessoal da Cáritas, mas não à casa da Música. Nós conhecemos o trabalho do padre Jesus, que fornecia café da manhã para todos e recebia em média cerca de mil pessoas por dia. Eu, Álvaro e Lucas trabalhamos lá um dia. Nunca limpei tantos pratos na minha vida. Era impressionante. Não parava de chegar gente. De 5h as 8h era gente entrando e gente saindo. Aquilo me deixou bem abalada. Tantas pessoas descalças, com roupas rasgadas e com o olhar baixo. Apenas as crianças faziam a festa em receber uma bisnaga de pão, um refresco e um copo de leite. Fiquei me perguntando como um município tão pequeno como Pacaraima, com menos de 13 mil habitantes, havia tantas pessoas em situação de rua e passando fome. Mais uma vez, pensei nos lugares em que o Estado não chega e nas pessoas com as quais parece que não se importa.

Em Pacaraima, dados da OIM (Organização Internacional para as Migrações) (2020) apontam que 323 famílias vivem em assentamentos espontâneos ou espaços cedidos. Isso representa 1.174 pessoas das quais 466 são menores de 18 anos. Além disso “cerca de 64% dos assentamentos se encontram afastados da malha urbana e se caracterizam pela edificação de barracos de lona, sem acesso às redes públicas de luz, água e saneamento”. Em Boa Vista, existem atualmente 11 abrigos oficiais que acolhem a população venezuelana, administrados pelas Forças Armadas e pela ACNUR. São cerca de 6,3 mil pessoas entre as quais

2,5 mil são crianças e adolescentes. Cerca de 32 mil venezuelanos moram na capital e 1,5 mil estão em situação de rua, dos quais 500 tem menos de 18 anos (UNICEF, 2020).

Depois de um mês e meio no estado de Roraima, voltei para Brasília. As aulas na UnB ainda não tinham voltado, mas eu tinha um outro compromisso, dessa vez, na Itália. Seria uma viagem por motivos familiares, pois eu tinha que renovar meu passaporte. Viajei para Itália no dia 14 de fevereiro de 2019.

Eu sempre me mudei muito na minha vida. Digamos que migrar sempre fez parte do meu vocabulário. Meu pai é italiano, minha mãe brasileira e eu nasci na França. Morei nesses três países e esses deslocamentos se intensificaram na minha adolescência, o que foi bastante difícil para mim na época. Principalmente por serem migrações internacionais e envolverem sempre um novo idioma. Acho que também por isso, sempre me interessei por questões migratórias.

No final de 2018 alguns amigos italianos da cidade natal do meu pai vieram para o Brasil e ficaram hospedados alguns dias na nossa casa. Eles são missionários e estão envolvidos com uma série de programas sociais no Brasil. Meus pais falaram para eles da Casa da Música e eles gostaram muito do projeto, inclusive fizeram uma viagem para Pacaraima para conhecer o trabalho de Miriam. Conto brevemente essa história porque reencontrei esses amigos na Itália e eles fizeram uma doação importante para o projeto da Miriam.

Antes de conseguir o apoio para o projeto eu deveria falar com o “Vescovo”, autoridade de muito prestígio dentro da hierarquia da Igreja. Tive que conversar com o Bispo, negociar, apresentar o projeto, para conseguir a autorização dessa transação, já que era ele que controlava os fundos da Igreja. Era como se eu estivesse de alguma forma representando o projeto ali. Por esse motivo, quando voltei para o Brasil, final de fevereiro, a Casa da Música, também conhecida como Associação Cultural Canarinhos da Amazônia e líder do projeto dos canarinhos refugiados em Pacaraima, me concedeu o título de Embaixadora da Paz para representá-los internacionalmente. Me senti lisonjeada e de fato implicada no projeto. Todos esses acontecimentos fizeram com que eu quisesse cada vez mais voltar para Pacaraima e escrever sobre a Casa da Música na minha monografia. No entanto, havia algumas disciplinas pendentes antes que eu pudesse viajar, pesquisar e escrever a dissertação. No segundo semestre de 2019 elaborei meu pré-projeto, no qual apresento minha intenção de retornar à Casa da Música em 2020, para realizar uma pesquisa etnográfica.

3. A pandemia e a pesquisa

No primeiro semestre de 2020 já tinha passagem comprada para viajar e realizar meu trabalho de campo na Casa da Música. Todos esses planos foram interrompidos devido a pandemia da covid-19. Fiquei arrasada e ao mesmo tempo muito preocupada com Miriam e as crianças. Eu e Miriam mantínhamos uma comunicação intensa por *whatsapp* nos primeiros meses. Ninguém sabia o quanto iria durar o *lockdown* e o quão devastador seria essa epidemia. Inicialmente, eu ficava apenas adiando de semana em semana a minha viagem passagem. No entanto, a situação da pandemia ficava cada vez mais grave.

As primeiras notícias e muitas vozes que chegavam em Pacaraima reforçavam a ideia de que não era uma doença letal e que apenas os mais velhos e pessoas que já apresentassem comorbidades ou problemas respiratórios seriam os mais vulneráveis. Seguindo essa lógica, as crianças estariam “mais seguras”. Apesar do fechamento da fronteira Brasil-Venezuela ter ocorrido relativamente “cedo”, as medidas de cuidado, informações sobre as precauções, a importância do uso de máscara, sobre lavar as mãos frequentemente e ficar em casa para evitar a propagação da doença chegaram tardiamente à população. Miriam conta que a circulação de pessoas pelas ruas e inclusive os ensaios que ela fazia com as crianças não foram imediatamente interrompidos. Miriam se viu em uma situação muito complicada, porque ao mesmo tempo que sabia que era importante seguir as medidas de distanciamento social, (aspecto que eu sempre reforçava em nossas conversas, comentando sobre números, dados e estatísticas e explicitando que ao contrário do que o presidente tem falado, esta não é apenas uma gripezinha) ela não podia parar de fornecer alimentação para as crianças de um dia pro outro, inclusive porque muitos dos familiares dessas crianças se viam em dificuldades financeiras ainda maior, pois muitos estavam perdendo o emprego.

A Casa da Música não era apenas a casa da Miriam, outras pessoas contavam muito com aquele espaço. Percebi que foi muito difícil para Miriam e para as crianças manterem esse distanciamento rigoroso. “Quando crianças vêm aqui em casa com fome eu não posso simplesmente mandá-las embora”. Depois de muita luta, Miriam conseguiu doações de uma série de utensílios para higiene básica para distribuir às crianças, como álcool em gel, sabonete e máscaras cirúrgicas. Alguns voluntários também compareceram para ensinar as crianças como lavar bem as mãos, medir suas temperaturas, distribuir máscaras, entre outras funções.

Figura 8 e 9: Casa da Música



Fonte: Foto Míriam, 2020.

Outros encontros também foram necessários para a distribuição de alimentos e cestas básicas. Miriam me contou que na Páscoa, receberam uma doação grande de chocolates e que aquilo abriu o sorriso de muitas crianças. É muito bonito ver que mesmo em situações extremamente difíceis as crianças conseguem ver o mundo e a felicidade numa barra de chocolate, contou Miriam. Em tempos duros, é impressionante como um simples gesto, retribuído com um grande sorriso pode trazer tanta esperança. Foi a partir dessa experiência que tive clareza da importância de realizar uma pesquisa com/sobre e para as crianças, que considere suas percepções das crianças sobre experiências e processos migratórios, reconhecendo seu direito à voz.

Figura 10 e 11: Casa da Música



Fonte: Foto Míriam, 2020.

Optei por descrever um pouco do contexto no qual surge o interesse da pesquisa, pois é a partir dele que elaboro meu trabalho. A pandemia mudou a rota inicial que eu havia traçado para esta pesquisa. Embora não tenha feito um trabalho de campo presencial, outras

metodologias e ideias foram utilizadas para viabilizar a pesquisa nesse novo contexto pandêmico global.

Nessa temporada em que eu estive em Roraima, do final de 2018 e início de 2019, realizei esta etapa de campo e conheci pessoalmente a Casa da Música. Assim, tive a possibilidade de conhecer pessoas, realizar conversas e tirar fotos. Escolhi doze das fotos que fiz nesse período para trazer para este trabalho. A partir de março de 2020 encaminhei minha pesquisa para um estudo a distância, que contou com entrevistas, *lives* e análises de material audiovisual produzido por crianças. O conjunto desses materiais compõe meus dados de campo. Darei particularmente visibilidade a um estudo de caso de uma criança/jovem imigrante desacompanhada na pandemia. Por criança aqui entendo a definição da ONU de (1989), ou seja, “considera-se como criança todo ser humano com menos de dezoito anos de idade, a não ser que, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes”. Busco dialogar com autoras que tematizam a Antropologia da Criança (COHN, 2005; PASTORE, 2020; PONTES e NEVES, 2020; COLANGELO, 2003) e as questões migratórias em Antropologia (BAENINGER, 2018; BHABHA, 2014; HARTMANN, 2019; LOBO, 2018; RIFIOTIS, 2018), a partir de uma análise que prioriza as falas das crianças.

Existem uma diferença entre os sentidos dados para a “criança” e “infância”. Estudos etnográficos demonstram diferentes dinâmicas de produções e protagonismos das crianças que não se associam à percepção da “infância” como incompletude e desenvolvimento. A visão hegemônica de “infância” moderna não resume todas as infâncias, e se usada como categoria genérica que descreve um estado pertinente a todos os atores incluídos nela representam uma concepção histórica e culturalmente limitada. As pesquisas antropológicas valorizam e legitimam as alteridades dos universos investigados e seus agentes (SCHUCH, 2014).

Em outras culturas e sociedades, a ideia de infância pode não existir, ou ser formulada de outros modos. O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais, e uma antropologia da criança deve ser capaz de apreender essas diferenças. (COHN, 2005, p. 22)

Tomando como base essa discussão, essa monografia está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo adentro na questão da crise venezuelana desencadeada em 2013 e seus impactos. Introduzo a temática do aumento do fluxo migratório para o Brasil, situo a

Casa da Música e seu lugar estratégico de fronteira pensando no intenso trânsito migratório que caracteriza essa região. Reflito sobre a Casa da Música como um lugar de aprendizagem e de passagem para muitas crianças venezuelanas, que chegam em um novo país e encontram no projeto uma porta de boas-vindas. Trato das mudanças metodológicas ocorridas a partir de um novo contexto de mudança de vida e de pesquisa devido a pandemia da covid-19. Busco entender como a pandemia atinge também as crianças e o projeto da Casa da Música e trago algumas entrevistas realizadas com Miriam, a coordenadora do projeto.

No segundo capítulo conto a história de Anthony (nome fictício que utilizo para preservar o anonimato), menino venezuelano que ficou impedido de voltar para a família, devido ao fechamento da fronteira. Com Anthony realizei diversas entrevistas por celular e sua história passou a ter centralidade na discussão de todo meu trabalho. Construo um estudo de caso a partir desse acontecimento, que gerou diversos *insights* para pensar migração, infância e falta de políticas públicas que dizem a respeito de crianças desacompanhadas. Depois conecto novamente a temática migratória ao estudo de caso de uma criança desacompanhada.

No terceiro e último capítulo analiso a produção de vídeos feitos por nove crianças do projeto durante a pandemia. Aqui dialogo com antropólogas que analisam as produções das crianças em meio à pandemia e mostram seu protagonismo midiático, rompendo com a visão de passividade da criança na construção e produção do mundo social em que vivem e constantemente modificam. Nestes vídeos as crianças contam suas histórias e como foi seu processo migratório. Elas falam da importância do projeto da Casa da Música em suas vidas e descrevem seus cotidianos. Como era a vida antes da crise, como era a vida na Venezuela, como é a vida na pandemia, como será a vida daqui para a frente. O que elas sentem falta, o que elas gostam do Brasil, o que elas conquistaram e o que elas querem ser um dia. Encerro o capítulo com as últimas notícias de Anthony e aponto reflexões possíveis sobre o que foi debatido.

CAPÍTULO 1

Imigração Venezuelana

1.1 Crise na Venezuela e Infância

“Eu me lembro, eu vi chegar os primeiros imigrantes. Eu estava indo na padaria de Pacaraima e pedi ao taxi que me pegasse em frente ao banco do Brasil e de repente eu vi aquele fluxo enorme! Não eram 300 pessoas eram mais de 600 pessoas. A maioria eram mulheres com crianças, crianças de colo, crianças caminhando e eu fiquei muito impactada com aquilo e eu me aproximei pra saber o que estava acontecendo e comecei a falar com eles pra entender o que realmente estava acontecendo. Eu tive que olhar pra eles e compreender que a maioria das mães das crianças elas estavam fugindo da fome. Eu perguntava porque que vocês estão atravessando nesse desespero todo? Eu fiquei apavorada porque era muita gente, isso foi começo de 2016.”
Miriam (21/05/2020)

Quando Miriam descreveu essa imagem das centenas e centenas de mães vindo com suas crianças e bebês de colo, fugindo da fome, imediatamente me veio a imagem da mãe que conheci na Cáritas. Lembrei do desespero, da fome e da raiva que senti em presenciar tamanha desigualdade. Como era abstrato viver sabendo que existem pessoas que não podem sequer garantir um prato de comida para seus filhos.

Nessa sessão busco refletir sobre a crise na Venezuela e dialogar com as perspectivas teóricas da infância. Essa crise, que muitos definem como humanitária, foi desencadeada a partir de 2013 e intensificada em 2016, e fez com que muitos venezuelanos saíssem do seu país. Esta é sem dúvida uma das maiores crises políticas e econômicas da história da Venezuela. É uma crise humanitária pois se trata de uma situação de emergência na qual há carestia de gêneros de primeira necessidade e uma crise sanitária acentuada. A situação de calamidade derivada por esse tipo de crise ameaça a vida de muitas pessoas e recursos extraordinários de ajuda humanitária tornam-se necessários. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e da Organização Internacional para as Migrações (OIM) revelam que mais de 4 milhões de venezuelanos estão hoje fora de casa devido a crise (AGÊNCIA BRASIL, 2019). Além disso, dados da UNICEF revelam que entre 2015 e 2019, o Brasil registrou cerca de 178 mil solicitações de refúgio e de residência temporária.

O aumento do fluxo migratório venezuelano implicou na mobilização de diversas agências humanitárias e em políticas de acolhimento. Na capital de Roraima, Boa Vista, um grande número de ONGs passaram a acolher os imigrantes venezuelanos. Como nos aponta Catarina Morawska (2010) a Igreja Católica e suas ramificações lidaram de frente com este

fenômeno de crise humanitária e imigração venezuelana para o Brasil, tanto em suas estruturas seculares quanto religiosas, com um trabalho que pode ser considerado assistencialista, no caso de Roraima há a presença de outras organizações ligadas a outras religiões. Em Boa Vista outros atores como ACNUR, OIM, UNFPA e voltado prioritariamente para o público infantil a UNICEF, mobilizando outros parceiros e realizando ações voltadas para atender às necessidades de crianças, adolescentes e suas famílias nas áreas de Nutrição e Saúde, Água, Saneamento e Higiene (WASH) e Proteção, Educação e Comunicação para o Desenvolvimento (C4D) (MORAWSKA, 2010; UNICEF, 2020).

O caráter transnacional dos canais institucionais que conectam organizações atuantes na área social é amplamente reconhecido e coloca aos antropólogos o desafio de como etnografar emaranhados transnacionais de combate a pobreza, compostos por instituições tão distintas quanto pequenas organizações não-governamentais locais com abrangência regional, nacional e internacional (geralmente doadoras de financiamento), organizações multilaterais (como Banco Mundial, União Europeia, Organização das Nações Unidas e os organismos a ela ligados), Estados-nação por via de seus departamentos responsáveis pela cooperação internacional, e fundações ligadas a empresas privadas. (Morawska, 2010, p. 88).

No entanto, o movimento migratório venezuelano no Brasil é menor do que nos outros países da América do Sul, possivelmente em função da diferença de idioma. Este é o maior êxodo na história recente da América Latina e a tendência é que as pessoas continuem saindo da Venezuela por causa da falta de alimentos, remédios, serviços básicos e tendo em vista um aumento significativo no índice de violência. Para termos uma ideia, enquanto apenas quatro venezuelanos buscaram refúgio em 2010, quase 18.000 pedidos surgiram em 2017, sendo a maioria dos requerimentos em Boa Vista-Roraima, por ser a entrada terrestre entre os dois países. Quanto às crianças, estima-se que 180 cruzem diariamente a fronteira para Roraima (RAFFOUL, 2020).

Número de imigrantes venezuelanos no Brasil ³	Nos anos de
1.036	2015
2.713	2016
10.410	2017
25.192	2018

Jacqueline Raffoul (2020) realiza uma pesquisa *in locus* em Roraima e aponta que:

³ Números oficiais fornecidos pelo Relatório Anual do OBIMigra 2019.

O alto fluxo de pessoas em situação de refúgio não pode ser motivo para violação de direitos. As Convenções Internacionais aplicáveis à criança refugiada e os direitos previstos no ordenamento jurídico nacional devem ser preservados em qualquer contexto. Entretanto, a realidade fática de Roraima demonstra indícios do aumento de dificuldades na preservação dos direitos da criança correlacionadas ao aumento do acolhimento, pela superlotação de serviços públicos e pela dificuldade de que os pais encontrem empregos, considerando as limitações da economia local. Portanto, entende-se que medidas que promovam a interiorização das famílias poderiam ser mais benéficas para a preservação dos direitos das crianças (RAFFOUL, 2020, p. 399).

O fenômeno da migração faz parte da história do ser humano. De certa forma, os deslocamentos nos constituem. Diversas são as causas destes deslocamentos: políticas, religiosas, econômicas, étnicas entre outras. Apesar de tudo, nunca é fácil sair de “casa”. Deixar seus parentes, amigos, terra, língua. Em situações críticas como é o caso da Venezuela, sair de casa não é bem uma escolha, mas para muitos uma necessidade. Estamos falando de um tipo de migração forçada. “Migrações forçadas ocorrem em meio a “complexas situações da sociedade marcada por conflitos, guerras, desequilíbrios socioeconômicos, violência, pobreza, fome e exploração.” (MILESI, *apud* SIMÕES, 2017, p. 17). A escassez de alimentos e recursos básicos de saúde, a grande instabilidade política e uma forte crise econômica onde a inflação atingiu 130.060% em 2018 (AGÊNCIA BRASIL, 2019), não parecem deixar outra escolha, que não a de buscar refúgio em outro lugar.

O que podemos dizer ao certo é que sair de “casa” nunca é uma escolha fácil. Muitas coisas são levadas em consideração antes de tomar uma medida drástica como a de sair do seu país sem um destino muito certo e muito menos garantido. As crianças são um fator importante levado em consideração no projeto familiar migratório e também são atores-chave na inserção sociocultural da família no novo território, devido por exemplo a maior facilidade de aprender uma nova língua (PECSI-FUSARO, 2019).

Nos dias de hoje, as novas tecnologias, os múltiplos mecanismos de circulação e de informação, possibilitam uma comunicação cada vez maior, que extrapola os limites geográfico e facilita uma integração global. Alguns autores chamam atenção para a importância da comunicação, ajuda financeira produzida pela migração, as relações reconstruídas com aqueles que ficaram, não apenas a financeira, mas uma reconstrução de afetos e relações. Como afirma a pesquisadora Andrea Lobo (2018):

Muitos imigrantes constroem campos sociais que cruzam as fronteiras e limites geográficos, culturais e políticos. Imigrantes que desenvolvem e mantêm múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas – que extrapolam as fronteiras passam a ser, portanto, chamados de transmigrantes.

(Lobo, 2018, p.7).

Nesse sentido, me aproximo de uma perspectiva transnacional que sustenta que os imigrantes constroem relações sociais múltiplas, conseguindo tanto manter laços com suas sociedades de origem quanto criar novos laços com as de destino (LOBO, 2018). E as crianças fazem parte desse processo e são sujeitos extremamente importantes quando estamos falando principalmente da criação de novos laços. A maior facilidade que a criança tem comparada ao adulto de se inserir naquele novo espaço, de aprender aquela nova língua, muitas vezes faz com que a criança se torne uma espécie de mediador entre a família e a nova sociedade, o que dá a eles uma agência importante (PECSI-FUSARO, 2019).

Por mais que a integração social dos refugiados e solicitantes de refúgio dependa mais dos recursos e das políticas de acolhimento estruturadas para esse fim do que da capacidade de agência de cada indivíduo (SIMÕES, 2017), na falta dessas instituições é interessante observar quais são as diferentes estratégias de sobrevivência empreitadas por eles. Aqui me interessa por tais estratégias, principalmente empreitadas pelas crianças que fazem parte do projeto. Em suas narrativas é relevante o foco nesse aspecto. Quais são as categorias que as crianças utilizam em suas agências, percursos migratórios e estratégias de sobrevivência?

Outro fator importante a ser levado em consideração nesta pesquisa é a grande quantidade de crianças e adolescentes envolvidas nesse novo fluxo migratório venezuelano. Neste fluxo, quase 50% são crianças e adolescentes (CLACSO, 2020). Ao observar um número altíssimo de venezuelanos menores de 18 anos em busca de refúgio no Brasil, me parece relevante realizar um estudo que se propõe a dialogar com eles. Dados da ACNUR (2018) apontam que as crianças representavam 52% dos 25,4 milhões de refugiados no mundo (RAFFOUL, 2020).

Por esse ângulo, busco realizar esse estudo a partir de uma compreensão que procura escutar as vozes das crianças e entender suas percepções sobre a experiência migratória. A migração infantil é um fenômeno crescente e complexo, mas que muitas vezes não é analisado historicamente. Por mais que este assunto esteja cada vez mais presente na literatura, no cinema, na fotografia e em meios midiáticos, são poucas as narrativas que tem como foco a experiência vivida pelas próprias crianças que migram, as razões que as levaram a migrar, as longas travessias e jornadas percorridas, seu acolhimento e integração no país de destino. Muitas fogem devido situações de violência, perigo e violações aos direitos humanos e no país

de destino sofrem com discriminação por gênero, raça, etnia, seguida as vezes de mais violência. “As crianças ainda continuam sendo pouco ouvidas e suas opiniões desconsideradas, prevalecendo as vontades dos Estados em detrimento aos direitos das crianças” (GRAJZER, 2018, p. 102).

Segundo Jacqueline Bhabha (2014), as leis e políticas migratórias parecem supor que uma criança migrante estará sempre amparada de modo legal e afetivo por um adulto responsável. Mas a realidade aponta para um cenário diferenciado. No caso da migração infantil venezuelana, por exemplo, a UNICEF criou recentemente um abrigo em Pacaraima, município de Roraima que faz fronteira com a Venezuela, apenas para menores de 18 anos desacompanhados, que já acolhe cerca de 200 crianças e adolescentes⁴.

Bhabha (2014) afirma que na maioria das vezes, as crianças são tratadas de forma extremamente rígida por parte das autoridades estatais, como se fossem adultas. A autora conclui que o maior problema da migração infantil não é sua invisibilidade, mas a ambivalência com que os Estados lidam com essa questão, numa perspectiva as vezes pautada no dever internacional de proteger as crianças e seus direitos, e outras vezes pautada sob a ótica do direito estatal soberano que busca realizar o controle migratório e desestimular as migrações irregulares. Nesse sentido, além de adicionar o tema da migração infantil na agenda internacional é importante prezar pela implementação de políticas públicas e sociais inclusivas que garantam os direitos das crianças (BHABHA, 2014).

O fluxo migratório venezuelano é heterogêneo e complexo, um dos exemplos disso é a presença de povos indígenas neste fluxo, como os Warao e os Pemón. Isso representa desafios tanto do ponto de vista teórico–metodológico para análises das migrações Sul-Sul, quanto políticos e humanitários para implementação de políticas migratórias e de acolhimento. No Brasil, especialmente em Roraima, estado que faz fronteira com a Venezuela, mas também em outros estados brasileiros, os espaços migratórios, têm se reconfigurado (BAENINGER, 2018).

Os processos de mobilidade espacial da população reconfiguram o papel dos espaços fronteiriços. Na América Latina, o estabelecimento de fronteiras entre os estados nacionais Brasil e Venezuela foram delimitadas em 1859 pelo Tratado de Limites de Navegação Fluvial

⁴ Atualmente existem algumas contradições a respeito do funcionamento da casa de acolhimento na pandemia. Alguns funcionários da ACNUR dizem que a casa de passagem de crianças desacompanhadas foi mudada para Boa Vista já o coordenador da Casa Lar afirma que a casa continua aberta em Pacaraima.

e ratificada em 1929 pelo Protocolo (BAENINGER, 2018; ZURITA, 2013). No entanto, conceitos como limites e fronteiras foram concebidos mais como distinções culturais plurais, sempre em mudança, permeados por fluxos culturais transnacionais, e não como barreiras a influências externas associadas necessariamente à separação e divisão (LOBO, 2012).

O aumento do fluxo de venezuelanos na região de fronteira entre Brasil e Venezuela, sejam eles indígenas ou não, provoca diferentes reações por parte de brasileiros que vivem em Pacaraima. Devido a insuficiência de políticas de acolhimento, muitos imigrantes fabricam de forma improvisada seus próprios acampamentos. “Frente a este “caos” urbano, manifestações xenofóbicas não tardaram a aparecer, atribuindo-lhes o aumento da criminalidade, da sujeira nas ruas, da mendicância em semáforos, da prostituição, entre outros” (SILVA, 2018, p. 301). Diferentemente da cidade de Boa Vista, onde existem vários abrigos para imigrantes venezuelanos, em Pacaraima há um abrigo para indígenas e uma casa que acolhe menores desacompanhados. Isso significa que a maioria das crianças que participam do projeto Casa da Música se encontram em casas alugadas ou ocupações urbanas. Dados da OIM apontam que existem 1.196 venezuelanos desabrigados em Pacaraima, dos quais 446 tem menos de 18 anos (OIM, 08/2020). Estamos falando então de uma região de fronteira, marcada por uma intensa circulação de pessoas e mercadorias, com destaque para os itens alimentícios que reconfiguraram o comércio na região. O município registrou diversos conflitos contra os migrantes, e registra, segundo autoridades locais um aumento nos índices de violência. Alguns atores locais afirmam que a exploração sexual de menores vem se tornando uma prática cada vez mais comum nesta região. A Casa da Música, que acolheu essa pesquisa, tem sede neste município.

1.2 A Casa da Música é migrante

A professora de música Míriam Nascimento Bloss, mencionada desde o início desse texto, foi a fundadora e idealizadora do Projeto Casa da Música, em Pacaraima, em 2016. Míriam é uma professora de música e de canto brasileira que morou por alguns anos em Santa Helena do Uiarén, cidade de fronteira com Brasil, situada na Venezuela. Antes da crise humanitária da Venezuela, Miriam percebeu que havia muitas crianças brasileiras em situação de rua em Santa Helena, e começou a ajudar essas crianças construindo ali também um trabalho com música com crianças brasileiras na Venezuela. Muitos eram filhos de

garimpeiros ou mulheres brasileiras que trabalhavam no garimpo. Com o acirrar da crise em 2016, Míriam voltou para o Brasil e se estabeleceu em Pacaraima, passando a acolher dessa vez crianças refugiadas venezuelanas. Segundo Míriam, foi uma reviravolta impressionante e que aconteceu muito depressa. Se em 2013 Miriam estava na Venezuela acolhendo crianças brasileiras, em 2016 Míriam estava no Brasil acolhendo crianças venezuelanas e indígenas. A Casa da Música conta também com a participação de algumas crianças indígenas venezuelanas das etnias Warao e mais recentemente Pemón. Com o agravar da situação na Venezuela o número de crianças em Pacaraima também só aumentava. Miriam sempre buscou fornecer apoio e alimentação para o máximo de crianças possível, mas estava ficando cada vez mais insustentável dar conta de cobrir todos os gastos sozinha. Ela então buscou ajuda financeira do governo e de diversas agências humanitárias, conseguindo alguns apoios financeiros, mas que mesmo assim não são suficientes se levarmos em consideração o número crescente de crianças. Inicialmente, o projeto conseguia oferecer um lanche da tarde, diariamente, para cerca de 20 crianças. O projeto foi crescendo e conseguiu oferecer três refeições diárias para 120 crianças. Até antes da pandemia o projeto oferecia duas refeições por dia para 180 crianças e adolescentes. O projeto conta com a ajuda crucial e voluntária de algumas mães dessas crianças que cozinham, limpam e cuidam. O projeto também realiza diferentes tipos de oficinas com essas mães, como oficinas de técnicas de sobrevivência, onde, por exemplo, ensinam a marinar a carne para ela durar mais tempo e não estragar, já que muitas famílias não tem geladeira. São muitas as mães que vieram sozinhas com seus filhos para o Brasil nesse novo fluxo migratório. É impressionante como um projeto que partiu do zero conseguia ajudar quase 200 crianças, mas é evidente que o projeto enfrenta ainda muitas dificuldades. O projeto recebe atualmente auxílios financeiros apenas da ACNUR. Antes o projeto contava também com um apoio da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a infância), mas esse auxílio foi cortado. Miriam diz que às vezes o exército, através da Operação Acolhida⁵ fornece alimentos, e quando isso acontece é possível oferecer cestas básicas para as crianças, que as compartilham com suas famílias. O projeto depende de doações, que, no entanto, não ocorrem sempre. Uma doação importante que foi feita para o projeto foi a de missionários

⁵ A Operação Acolhida é uma ajuda humanitária brasileira, coordenada pelo Comitê Federal de Assistência Emergencial, liderado pela Casa Civil da Presidência da República e conta com o apoio da ONU e de outras organizações da sociedade civil. Sua coordenação e gestão ficam a cargo do Exército Brasileiro. <https://www.gov.br/acolhida/>

italianos que estão envolvidos com diversos programas sociais na Itália e no Brasil. Isso possibilitou a compra de roupas e calçados para as crianças, comida para um maior número de pessoas e novos instrumentos para o projeto.

No final de 2019 o Projeto recebeu um prêmio da ONU de direitos humanos em Genebra, o que foi sem dúvida muito importante para dar maior visibilidade e legitimidade ao projeto. No entanto, apesar do projeto ter ganhado cada vez mais visibilidade ao longo dessa luta e de ter diversos reconhecimentos, nem sempre esses apoios se transformam concretamente em recursos financeiros para a manutenção e extensão do projeto.

1.3 Virada de Estratégias metodológicas devido a pandemia

“Eu sinto muita saudade de minha família que está na Venezuela e eu não posso vê-los com esse coronavírus.”
Arianna.

Início explicando como e quais foram as mudanças metodológicas na minha pesquisa. Como pesquisadora, em meio a um contexto pandêmico, o que fazer? Como já contextualizei, devido a pandemia da covid-19, eu não pude mais realizar minha pesquisa presencial e por isso tive que reinventar minha metodologia. A partir de conversas, leituras e notícias, as novas circunstâncias me fizeram também redirecionar o foco da pesquisa. Se antes o foco da pesquisa era tentar compreender as experiências do ponto de vista das crianças em contexto migratório, de deslocamento e mobilidade contínua, lembrando que a Casa da Música fica em Pacaraima, município mais transitório para diversas famílias, significando para muitos um ponto de apoio, uma parada acolhedora, mais do que um lugar para reconstruir suas vidas, agora a situação é inegavelmente outra. Muitas famílias tiveram que parar e adiar seus planos de interiorização⁶. Tiveram que diminuir drasticamente os movimentos para ficarem isolados, por conta da pandemia. A interrupção das atividades da Casa da Música significou uma drástica mudança no cotidiano das crianças que usufruíam do espaço. É importante reforçar a centralidade da Casa da Música também como um espaço “terapêutico” e de cura, que proporcionava diferentes atividades interativas, artísticas e criativas com as crianças. Atividades que valorizavam muito o trabalho coletivo e a criação de vínculos afetivos. Miriam

⁶ Interiorização é uma das etapas do processo de acolhimento dos migrantes venezuelanos que são levados a diversos estados do País para serem integrados à sociedade local. Desde 2018, mais de 38 mil venezuelanos foram interiorizados. (ACNUR, 2020)

relatou o aumento de crianças com indícios de depressão, ansiedade e o aumento de casos de violências domésticas. Ficar em casa para as crianças não é fácil. Abrir mão de um espaço importante em seus cotidianos, também não é fácil. Todas estas mudanças drásticas me fizeram refletir muito sobre como ajudar estas crianças e como trabalhar com elas à distância. O isolamento social transforma as rotinas, os imaginários, as práticas e os corpos das crianças. Elas não podem mais ir para escola, brincar na rua e interagir com outras crianças. Como apontam Vanessa Ponte e Fabrício Neves, em artigo recentemente lançado (2020), intitulado “Vírus, telas e crianças: entrelaçamentos em época de pandemia”, diferentes instâncias, como pedagogia, psicologia, medicina e também antropologia se engajaram para refletir sobre essas transformações.

Forma-se uma nova espacialidade marcada pela reclusão no espaço doméstico onde há uma mescla entre o público e o privado. Tudo isso reconfigura os campos de estudo, por isso é necessário pensar em estratégias de cuidado específicas para as crianças, ressaltando que existe uma pluralidade das infâncias e as condições de confinamento e de adoecimento não atingem as crianças de modos iguais (PASTORE, 2020).

É necessário ampliar as discussões sobre cuidado, direitos, vulnerabilidades, entre outras variáveis em que as crianças devem ser questionadas enquanto sujeitos sociais e participantes de seus cotidianos, das modificações impostas e que, embora não tendo sido colocadas como grupo de risco nessa pandemia, tem tido seus direitos negados, principalmente o de mobilidade e de participação (Pastore, 2020, p. 8).

Neste novo contexto de “lives” contínuas, assisti a uma interessante sobre “Como fazer pesquisas como/sobre/para as crianças em tempos de pandemia da Covid-19”⁷ que contava com a participação de Clarisse Cohn, antropóloga que foi importante na elaboração de minha pesquisa. Ao falar sobre Antropologia da Criança Clarisse Cohn (2020) reforça a ideia da antropologia de percepções de infância, de múltiplas infâncias e de concepções específicas de infância. A antropologia nos ajuda a pensar essas concepções, formular políticas públicas e reforçar a ideia de que as crianças devem viver, atuar e ser protagonistas no mundo. Tudo isso fica mais sensível na pandemia. As possibilidades de interação agora são bem diferentes: o espaço passa do presencial ao virtual. Por algum tempo não será possível fazer pesquisa com crianças se relacionando, brincando e conversando com elas. A pandemia impõe novas

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=5G2J2pFRMjo&t=7217s>

condições e desafios, mas a ciência não para e deve se reinventar. Os níveis de tensão, stress e sobrecarga aumentam com a pandemia, tanto nos adultos quanto nas crianças. Cohn (2020) chama a atenção ao fato que demandar de uma criança relações de pesquisa nesse contexto não é muito recomendado, pois pode sobrecarregá-la ainda mais.

Pensando no bem-estar e na saúde mental das crianças, quais seriam os limites da pesquisa? “Etnografia virtual é possível, mas caberia propor uma pesquisa nesse contexto? Com tanta sobrecarga?” Ao mesmo tempo, a autora também critica a falta de alguns debates. O aumento da violência doméstica, por exemplo, tem se colocado muito no debate de gênero mais pouco no debate das crianças e isso extrapola as relações de gênero. Se fala pouco também da vulnerabilidade epidemiológica das crianças, da importância da merenda escolar e da falta que ela faz por exemplo. Algo que era fundamental para as crianças do Projeto da Casa da Música, onde antes elas tinham três refeições diárias, que para muitas crianças eram as únicas refeições. Existem então lacunas em debates com/sobre/para crianças que devem ser preenchidas, porém, ao mesmo tempo, Clarisse Cohn (2020) reforça a cautela por parte das pesquisadoras em realizar uma pesquisa com/sobre/para crianças em um contexto pandêmico.

Outra palestra muito interessante foi a da professora Fernanda Ribeiro (2020), que relembrou do grande protagonismo das crianças na produção de conteúdo digital em um contexto de pandemia, como vídeos no *Youtube* e Instagram para recomendar medidas de cuidado na pandemia, como lavar as mãos e etc. De certa forma, isso mostra o grande domínio das gerações mais jovens com as novas ferramentas tecnológicas, colocando em xeque a dicotomia de que quem tem mais conhecimento são necessariamente os mais velhos. É como se a covid-19 questionasse a ideia consolidada de vulnerabilidade das crianças nas epidemias, já que coloca as crianças imediatamente fora do grupo de risco, o que contrasta a fragilidade ontológica das crianças. E, alguns meses depois da pandemia instalada, na corrida por conhecer suas questões biológicas, descobriu-se uma síndrome bastante rara e grave como sequela do vírus a atacar especificamente as crianças⁸. Ribeiro (2020) falou também das 4,8 milhões de crianças que vivem em casa sem internet no Brasil, fazendo-nos refletir sobre a desigualdade de acessibilidade do sistema EAD e a dificuldade das crianças em terem que se adequar a um novo sistema de aulas online.

⁸ Foi chamada Síndrome Multissistêmica Inflamatória Pediátrica (SIM-P).

Ribeiro (2020) reforça também a importância de nos perguntarmos quais são as figuras de infância que estão circulando nos debates e relembra o papel da temporalidade: é preciso fazer pesquisa aqui e agora, enquanto estamos vivendo a pandemia, e também no pós-pandemia. Além disso a mediação dos adultos está muito mais presente agora, mas mesmo assim é necessário reconfigurar, redesenhar e realizar pesquisas com, sobre e para as crianças.

A partir desse debate, compreendi que era preciso achar uma forma de dar visibilidade às crianças da Casa da Música, mas sem que essa pesquisa virasse mais um mecanismo de estresse ou sobrecarga. Comecei a pensar em alternativas e possibilidades. O que seria interessante e viável para a maioria das crianças do projeto e que não as sobrecarregassem muito. Pensei em desenhos. Apesar de ter falado em desenhos eu estava disposta a outros tipos de “produtos” também. Meu maior intuito era ter algum tipo de material produzido pelas crianças e que falasse um pouco da história delas. Comuniquei a Miriam dessa minha ideia e ela conversou com as crianças sobre esse meu pedido. Alguns dias depois Miriam me enviou vários vídeos feitos por algumas crianças do projeto. Vou descrever um pouco cada um mais à frente no último capítulo, que fala sobre a produção das crianças em meio a pandemia.

Outra *live* importante para minha pesquisa foi realizada por [Miriam](#) e um jornalista bem conhecido no estado de Roraima, [Mario Freitas](#), no dia 21 de junho de 2020, intitulada “*Live* com a Maestrina e presidente do projeto Canarinhos da Amazônia”. Miriam me enviou cedo o link dizendo que estava muito empolgada com a oportunidade de debate. A *live* começa e Mario agradece muito a presença de Miriam e diz ser um grande fã. Miriam fala um pouco sobre sua trajetória com os Canarinhos da Amazônia. Miriam leva muito a sério seu trabalho humanitário. Ela trabalha com a formação de música infantil há quase 30 anos. Ela me contou que seu interesse inicial partiu de quando ela se mudou para Boa Vista com sua filha pequena e que percebeu a falta de instrução musical presente nas escolas. A partir daí Miriam começou a organizar grupos de coral e dar aulas de música em escolas. Seu projeto foi crescendo e ganhando visibilidade com o passar dos anos e o público passou a se estender cada vez mais. Dar aulas de música para quem não tinha a possibilidade de aprender era uma premissa. Com a crise Venezuelana Miriam conta que mudou seus planos completamente. Antes da crise Miriam morava na Venezuela e ajudava crianças de rua brasileira, com o agravar

da crise em 2016 o cenário quase que se inverteu. Miriam voltou para o Brasil e se estabeleceu na fronteira e passou a ajudar crianças refugiadas venezuelanas.

Estar na fronteira é estar num estado de obediência (...) Eu estou há cinco anos aqui na fronteira. (...) Hoje precisou vir um vírus, um rota vírus, fazendo muitas rotas, sabe pra que Mario? Pra que a gente pudesse entender que não existe cor, não existe raça, somos nós, nós somos um, nós precisamos um dos outros. (...) A pandemia ela tem três faces. A face do medo, que está gerando nas pessoas. A face da fome, porque essas crianças, mesmo as crianças que atravessaram a fronteira desnutridas, elas estão no isolamento. Antes quando elas vinham pro projeto elas tinham café da manhã, almoço e janta. E qual foi a estratégia que a gente montou: Ok nós não vamos poder mais porque elas estão no isolamento, então nós vamos transformar isso numa cesta básica que a cada 20 dias elas vêm buscar, só que isso não é suficiente, nós vamos mais uma vez cair no problema da desnutrição e agora também com as nossas crianças brasileiras. Então nós construímos a Casa do Pão. A Casa ficou linda e nós estamos produzindo 300 pães diários, e agora nós estamos com a campanha, já ganhamos a primeira máquina que vai nos dar 500 pães diários e assim nós queremos chegar a 1500 pães diários não só para alimentar as crianças venezuelanas mas as nossas crianças brasileiras. Todos, todos que chegarem. Na Casa da Música ninguém sai de mãos e coração vazio. Isso é o mínimo que a gente pode fazer.

O que você espera do ser humano hoje dentro do projeto, o que você espera como uma grande incentivadora de fazer o bem? O que que você espera a partir de tudo isso que tá acontecendo? Porque eu acho que o vírus e a pandemia ela veio pra nos ensinar alguma coisa, a gente tem que aprender algo de bom com isso.

Bom, eu espero que as pessoas tenham muitos motivos para comemorar como eu tenho, todos os dias. Eu vivo um dia de cada vez e comemoro todo final do dia, com o sorriso de uma criança, como uma flor que nasce, como os astros que nascem no céu, com agradecimentos de uma pessoa. (...) Mas tenha um motivo pra comemorar, hoje por exemplo eu estou comemorando a coragem gigantesca das mulheres que atravessaram essa fronteira, mais de 10 mil mulheres é muita gente, entre indígenas e não indígenas. (...) E aí você descobria que a mulher era uma administradora, que era enfermeira, que eram pessoas que deixaram pra trás suas casas, suas vidas, até mesmo os maridos ficaram pra trás. Eu tenho motivos de comemorar hoje, a dignidade de muitas mulheres que encontraram no Brasil oportunidades de trabalho e estão trabalhando dignamente. Eu tenho motivos de sobra pra comemorar hoje. (...) Eu estou vestida assim porque eu estou muito feliz hoje de estar no seu programa e de estar comemorando o dia mundial dos refugiados. (...) É isso que eu espero dessa sociedade, comece a comemorar hoje.

Figura 12: Pacaraima



Fonte: Foto Míriam, 2020.

Através dessa *live*, pude entender como a pandemia reverteu diversos cenários da Casa da Música que agora passou a dar prioridade para o essencial: a alimentação. Criou um novo propósito, a Casa do Pão. Quando ela disse que se viu oferecendo trabalho e trabalhando com mulheres administradoras, enfermeiras me lembrei da minha turma de português na Cáritas que também era altamente qualificada. Como afirma Rosana Baeninger (2018), trata-se então de um fluxo migratório composto por diferentes grupos sociais. Grande parte da entrada da imigração venezuelana entre 2000-2016 era composta por profissionais em cargo de gerência e alta qualificação e a maior parte possuía visto de trabalho. Já no pós-2016, com o acirramento da crise econômica na Venezuela, passaram a chegar cidadãos de classe média e em seguida uma população venezuelana empobrecida (BAENINGER, 2018).

Em tempos de reinvenções de metodologias, de repensar objetos de estudo, a *live* de Miriam e a *live* sobre pesquisa com crianças em meio a pandemia passaram a ser marcos importantes e elementos constitutivos do meu trabalho. Trabalho este que reforça a visão que protagoniza a capacidade das crianças de falarem por si e de interferirem diretamente nas mudanças sociais e nos processos migratórios.

A partir de uma releitura de autores que falam da Antropologia da Criança tais como Clarice Cohn (2005), é possível entender a importância de um estudo centrado na criança como protagonista e atuante no mundo. É fundamental para esse tipo de estudo tentar trazer

a compreensão do ponto de vista da criança sobre o mundo em que se insere e perceber a criança como um sujeito social, capaz de falar por si. A autora adverte:

Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirido competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição. Seres sociais plenos, ganham legitimidade como sujeitos nos estudos que são feitos sobre elas. (COHN, 2005, p. 21)

Quando estamos falando de uma antropologia que trata das crianças as opções são muitas, e abrem-se à criatividade, aos interesses e recursos do pesquisador, além das necessidades específicas da pesquisa. É importante ressaltar que parto da premissa que considera a criança um sujeito social pleno, ativo e produtor de sentido sobre o mundo (COHN, 2005).

O caráter dialógico, de interação, terá que ser enfatizado, permitindo ao pesquisador tratar as crianças em condições de igualdade e ouvir delas o que fazem e o que pensam sobre o que fazem, sobre o mundo que as rodeia e sobre ser criança evitando que imagens “adulto-cêntricas” enviesem suas observações e reflexões (...). As combinações tornam esse elenco de metodologias e técnicas potencialmente infinito. Podemos dar asas à imaginação, e pensar no registro audiovisual realizado pelas crianças sobre o seu mundo, em atividades escolhidas por elas.... O essencial, em todos esses casos, é aproveitar desses meios e dessas técnicas o que elas podem oferecer do ponto de vista das crianças sobre o mundo e sua inserção nele. (Cohn, 2005, p. 45-47).

Dulcimarta Lemos Lino (2010) aponta que nos últimos anos, o ato de pesquisar tem exigido cada vez mais do investigador a intensa arte de improvisar. Além disso a autora destaca que, enquanto pesquisadores, é importante assumirmos “cientificamente a *processualidade inventiva*, que significa ir constituindo modos improvisados de fazer pesquisa, deixando-nos surpreender ludicamente com a potência poética da música das crianças e da infância” (Lino, 2010, p. 93). Realizar uma pesquisa com crianças em um momento pandêmico intensificou exatamente essa arte de improvisar por parte da minha investigação.

Também é fundamental compreender que as crianças se comunicam de diferentes formas através de gestos, de imagens, de silêncios, de expressões, de desenhos e de palavras e nem sempre é possível compreender diretamente todo este universo de significações (CONDE; ALCUBIERRE, 2018). É preciso se permitir entrar nesse mundo segundo as mais variadas formas, em um processo de pesquisa que não trabalha sobre as crianças, mas com as crianças. Levar em consideração a diversidade existente entre as infâncias. Falar sobre infâncias e crianças é estar em diálogo constante com suas histórias, contextos, culturas,

questões socioeconômicas, raciais de gênero e geracional (PASTORE, 2020). Através de uma escuta atenta e sensível, investigando a música produzida pelas crianças, considerando toda complexidade e pluralidade envolvida na infância e naquele ambiente, busco traçar um caminho metodológico que constitui uma prática mais humana e social. (LINO, 2010).

A partir daqui busco refletir sobre o caso de uma criança desacompanhada em Pacaraima e analisar questões migratórias desse caso numa perspectiva macro, pensando na pandemia, no fechamento das fronteiras e de como as autoridades lidam com o caso de um menino que foi até a Casa da Música e depois não pode mais voltar para casa. Seu nome é Anthony.

CAPÍTULO 2

A história de Anthony

2.1 “Anthony ficou do outro lado”.

Trago agora um relato, do meu ponto de vista emblemático, que pode ajudar a refletir sobre o processo migratório de uma criança desacompanhada. Com o agravar da pandemia mantive contato fundamentalmente com Miriam. Quando as coisas estavam ainda um pouco incertas, e eu continuava adiando minha passagem a cada semana, recebi um telefonema de Miriam. As fronteiras haviam sido fechadas. Aquele para mim foi o último sinal, de que realmente não seria mais possível realizar minha viagem naquele mês, e muito provavelmente, nos próximos meses. A partir desse momento percebi que seria necessário repensar toda a pesquisa e sua metodologia. No entanto, essa não foi a única notícia que me trazia Miriam. Havia um menino que havia ficado preso do lado brasileiro da fronteira, o nome dele é Anthony.

Anthony tem 14 anos e é um dos integrantes e beneficiados pelo projeto de Miriam da Casa da Música. No dia 16 de março de 2020 Anthony tinha ido a Casa da Música ensaiar, como de costume, para a gravação de um novo clipe musical do projeto. Anthony mora na região da Gran Sabana na Venezuela, região que faz fronteira com o Brasil. Anthony faz parte das crianças de Santa Elena da orquestra sinfônica e veio até a casa da Música ensaiar, como de costume, mas ao tentar voltar para casa foi barrado na fronteira pela fiscalização fronteiriça feita pela polícia militar. As fronteiras entre Brasil e Venezuela haviam sido “parcialmente” fechadas pelo presidente Jair Bolsonaro para retardar a disseminação do vírus. Na época o Brasil havia 291 casos confirmados e uma morte por covid-19 (USNews). Miriam tentou explicar que a família do menino tinha acabado de atravessar e o esperava do outro lado, mas nada disso foi levado em consideração, nem sequer o fato de o menino ser menor de idade. Os pais de Anthony também não puderam voltar para buscá-lo em Pacaraima. Miriam comunicou imediatamente o ocorrido às autoridades “tem um menor aqui que acabou ficando”. Miriam comunicou a ACNUR para receber proteção e entrou em contato com o Conselho Tutelar brasileiro e Venezuelano. “As autoridades estão avisadas que ele está aqui”.

No entanto, ninguém soube resolver o problema. Anthony estava sozinho, sem documentação sem autorização dos pais ou qualquer coisa do tipo. Ela foi informada de que se ele atravessasse, teria que passar por uma quarentena rigorosa em isolamento durante 14 dias “em um lugar não muito recomendável” como definiu sua amiga que trabalha no conselho tutelar. Miriam avaliou que a melhor solução seria ficar com Anthony na sua casa até que as fronteiras reabrissem ou que eles achassem alguma outra solução melhor. “Eu e meus colegas pensamos que deixar ele sozinho em isolamento em um lugar desconhecido poderia ser um trauma ainda maior para ele, até porque se ele voltar para Venezuela agora, vai ter que ficar duas semanas de quarentena sozinho, sem ver os pais.” Afirmou Miriam. Anthony acabou permanecendo por vários meses na casa da Música sob os cuidados de Miriam. Ela conta que Anthony ficou bem e que é um menino maravilhoso. “Ele foi uma benção na minha vida”. No entanto, não é nada fácil ficar longe da família por mais de três meses e sem previsão de retorno. “A gente tenta sempre que possível fazer vídeo chamada com a família dele”.

É interessante perceber como a relação de Miriam com as crianças mudou nesse período. Antes querendo ou não havia uma certa “distância” no sentido de que Miriam tinha um projeto, um trabalho que envolvia essas crianças. Mas cada uma tinha sua casa, sua família, nenhuma morava e estava exclusivamente sob os cuidados dela. É como se a presença de Anthony houvesse borrado o tipo de relação que Miriam tinha anteriormente com as crianças do projeto. Dessa vez Miriam era responsável por Anthony em tempo integral. Assim como Anthony, que agora estava sob guarda temporária (informal) de Miriam.

A partir das anotações do meu diário de campo trago um pouco de minhas conversas com Miriam. No dia 3 de junho de 2020 liguei para ela. Queria conversar sobre nossos possíveis encontros virtuais com as crianças. Ela tinha várias ideias sobre o que faríamos com a minha chegada. Já havia programado algumas oficinas, com as crianças e realizar bolos para comercializar arrecadar apoio para o projeto. Com o acirrar da pandemia do covid-19 todos esses planos teriam que esperar. Miriam conta que com a pandemia a maioria das agências humanitárias em Pacaraima estão com as atividades suspensas. Isso faz com que muitas pessoas fiquem vulneráveis. Além disso, ela reclamou de um informe que foi mal interpretado. Aparentemente saiu uma nota por parte das autoridades que não foi bem compreendida pela população. O que foi entendido da nota é que os militares proibiram as pessoas de circularem

na rua depois das 14hs, caso contrário essas pessoas poderiam ser presas. Isso fez com que muitas famílias se trancassem em casa mesmo passando fome, afirma Miriam. Ela reclamou muito dessa comunicação descuidada por parte das autoridades, já que a primeira barreira que eles enfrentam é a linguística. “Eles fazem uma publicidade que não chega até o imigrante. Não chega a informação correta. Eles precisam de uma compreensão do momento que eles estão vivendo”. Ela sugeriu a criação de uma plataforma que garanta essa troca de informações, um canal informativo sobre os direitos dos migrantes.

Em seguida, pensamos em criar um grupo de *whatsapp* para eu já ir conhecendo algumas crianças do projeto. Porém, apenas sete dessas crianças/famílias têm celular. Tínhamos muitos planos mas as condições nem sempre eram favoráveis. “Não está sendo fácil” dizia Miriam. Ela afirma que muitas crianças estão mais expostas nos lugares que eles estão vivendo do que na sede. Ela relatou alguns casos de violência e abusos por parte de familiares que se intensificaram nesse período⁹. Ela disse que entrou em contato com a Cruz Vermelha na tentativa de conseguir alguns atendimentos com psicólogos. É importante lembrar que esse era um papel importante da casa da música quando as atividades funcionavam regularmente. Ter um espaço para se reunir, conversar, criar laços, fazer oficinas e atividades, e especialmente cantar, é a proposta do projeto e muitas crianças sentem falta desse momento, desse coletivo. “As pessoas estão com medo” afirma Miriam “Eu sempre incentivo as crianças de irem em busca de seus sonhos e a se perguntarem sempre: Porque eu canto? Refletir sobre isso é muito importante”.

Miriam passou a ser, desde o início, uma das minhas principais interlocutoras durante a pesquisa. Levo muito em consideração suas falas pois tratam-se de relatos do meu campo, de alguém que está imersa na região de fronteira pela qual me interesso. Miriam conhece bem o lugar, as pessoas, os conflitos, quais categorias estão em jogo e quais desafios são enfrentados. A história de Anthony me intrigou muito e resolvi pedir a Miriam se era possível marcar uma conversa com ele. Queria conhecê-lo e entender o seu ponto de vista a respeito

⁹ Em março de 2020 dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos registraram um aumento de 85% de denúncias de violência sexual contra menores em relação ao mesmo período do ano passado. Além disso, um relatório da ONG World Vision estima que o aumento da violência contra a criança pode aumentar de 20% a 32% mundialmente durante a pandemia.

de toda aquela situação. Porque Anthony não pode voltar para casa? A primeira entrevista que fiz com Anthony foi dia 12 de junho de 2020.

Liguei para Anthony no dia dos namorados. Ele estava fazendo caixinhas em formato de coração com decorações e brigadeiros para vender e ajudar a família. Perguntei inicialmente quantos anos ele tinha e ele me respondeu 14 anos. Nós conversamos em dois idiomas: eu falava com ele em português e ele me respondia em espanhol, e por incrível que pareça, deu certo. Anthony nasceu na Venezuela e morou grande parte de sua vida em Valle de la Pascua que fica na região norte da Venezuela. Anthony contou que veio com a família, pai e mãe e três irmãs, para um acampamento que fica em Santa Elena porque não havia mais o que comer. Anthony disse que o acampamento era tranquilo, mas era muito afastado por exemplo da escola, e que as vezes tinham que pedir dinheiro para pôr gasolina e chegar até a escola. Quando não conseguiam dinheiro suficiente, iam a pé. Perguntei como aconteceu essa separação. “Bueno, yo veni hacer una patrica de musica con la maestrina Miriam y después mis padres no pudieron venir a buscarme y ni yo conseguí voltar porque cerraron la frontera por el Corona vírus (...) Yo no sabía”. A decisão de fecharem as fronteiras ocorreu de forma repentina, sem avisos prévios. Anthony considera que a fronteira foi fechada em parte porque existe sim uma preocupação de contaminação do Coronavírus, mas diz que há também muita corrupção. Perguntei se ele conversava com a família com frequência e ele disse que sim, mas que fica preocupado porque não sabe se eles estão bem. “Quando fico nervoso faço coisas manuais” diz Anthony, que nessa quarentena começou a aprender violão, ter aulas de português, fazer pão, caixinhas dos namorados entre outras coisas. Anthony disse que apesar de estar longe da família está bem, mas mesmo assim, preocupado. Não sabe quando vai conseguir voltar e não sabe se a família dele está realmente bem. Ele disse que se preocupa muito com sua irmã mais nova de 4 anos, porque era ele quem cuidava mais dela.

No dia 10 de julho, Miriam me mandou um vídeo de Anthony, um vídeo que ele havia gravado para enviar para família de 0:47 segundos. O vídeo não foi produzido inicialmente para fins de pesquisa, mas Anthony consentiu de compartilhar o vídeo comigo. Descrevo o que ele conta no vídeo:

Olá mando um oi a todos, espero que estejam bem. Mando um oi para Valeria, eu a amo muito, cuidem bem dela pra mim, mandem meus abraços à ela, digam que eu já estou preparando sua festa. Mandeí oi também a Francesca, a Fabiana, a minha mãe, ao meu pai e espero que vocês estejam bem eu estou bem. Estou aqui fazendo o curso e...

Cuidem-se eu me estou cuidando, a *maestrina* está cuidando muito bem de mim e espero que vocês também cuidem bem ala *piemona*¹⁰. Estou muito bem aqui não se preocupem e bem se puderem me mandem o número de minha tia Mendalia e assim eu posso fazer uma chamada. Cuidem-se tchau.

Fiquei emocionada em ver Anthony pela primeira vez em um vídeo. Já havíamos conversado por telefone e Miriam já tinha me mandado uma foto sua, mas vê-lo falando foi diferente. No vídeo ele estava em primeiro plano, só é possível ver ele até o ombro mais ou menos. Fiquei reparando como ao falar de Valeria sua expressão mudou muito. Ele parecia um pouco nervoso no início do vídeo, mas assim que falou sobre a irmã abriu um sorriso. Eu pude ver que ele realmente sentia muita saudade dela.

No dia 28 de julho tive outra conversa com Anthony. Dessa vez percebi que ele estava mais quietinho do que da outra vez que conversamos. Percebi também que ele me entendeu melhor do que da primeira vez. O que quer dizer que as aulas de português estão funcionando e a familiaridade com a língua está crescendo. No entanto, ele estava muito calado. Já são mais de quatro meses longe da família e com o passar do tempo a situação só parece se agravar. Perguntei o que ele tem feito esses dias para passar o tempo e ele disse que fica em casa, desenhando, às vezes sai um pouco no jardim para pegar um ar, ajuda Miriam com as atividades domésticas, tem aulas de português e é isso. Ele disse que não tem celular e lá não tem televisão, então senti que ele fica muito tempo disperso talvez. Muito tempo pensando na família e principalmente na sua irmã mais nova, Valeria. Eu estou tentando fazer contato com alguns familiares de Anthony que moram na Itália, ele me falou de um primo de cerca de 25 a 30 anos que se chama Anthony também, disse que vou tentar procurá-lo. Perguntei o nome das suas irmãs, especialmente da sua irmã mais nova, a qual eu sabia que Anthony se preocupava muito. “Valeria, Fabiana e Francesca” Ele disse. “Francesca é a mais nova?” Perguntei. “Não, a mais nova é Valeria.” “Ah sim. E quantos anos ela tem?” “Vai fazer cinco em setembro.” Apesar de dizer que estava bem, senti que Anthony estava exausto, cansado de ficar longe de casa. Ele tenta falar com os familiares pelo menos uma vez por semana, o que também não é muito. Não é justo, pensei comigo mesma. “Você é muito forte Anthony, não se esqueça disso. Se cuida” disse já num tom de despedida. Desejei força e um pouco mais de paciência, disse que em breve teríamos uma vacina e que logo logo tudo isso ia passar.

¹⁰ apelido de Valeria irmã de Anthony

Pedi para conversar com a Miriam também. Miriam parecia estar muito preocupada com Anthony. “Ele está com um nível de ansiedade muito grande. Não está se alimentando direito e eu fico muito preocupada”. Essa preocupação com Anthony fez com que Miriam avaliasse outras possibilidades de travessia. Eventualmente existiria uma possível travessia pelas *troxas*¹¹ junto aos Pemón¹², comunidade indígena da região, para levar Anthony de volta para casa. No entanto esse poderia ser um trajeto perigoso, então Miriam e Anthony optaram por esperar. Miriam chegou até a realizar uma reunião com a ACNUR e conversou com pessoas de confiança para avaliar a possibilidade real dessa viagem. Todos reforçaram o perigo do trajeto e a alertaram sobre os múltiplos riscos. Havia riscos tanto infecciosos com relação a maior exposição ao coronavírus, quanto em relação aos sérios conflitos presentes naquela região.

Eu havia perguntado mais cedo para Anthony o que ele tinha achado de tudo isso. Dessa possibilidade de voltar para casa e depois dessa desistência. “No início eu queria muito, muito ir, mas depois que me explicaram que não era seguro, eu compreendi. ” Dava para perceber que no fundo Anthony estava muito decepcionado com a “mudança de planos”. Acho que quando você oferece para uma criança que está há quatro meses longe da família, uma solução alternativa para algo que a perturba tanto, por mais que esta não seja uma certeza, só de ter essa possibilidade tão preciosa num momento e depois não a ter mais, é sem dúvida muito frustrante.

Dessa vez, a conversa com Anthony foi um pouco mais curta que as outras. Dava para perceber que ele estava cansado de tudo aquilo e só queria voltar para casa. Ele passou o telefone para Miriam que me contou coisas sobre Anthony que eu não sabia. Anthony tem uma relação muito próxima com a irmã mais nova, uma relação quase que paternal. “A Valeria chama o Anthony de pai”. Com uma relação familiar complicada, figura paterna um pouco ausente quando se trata de cuidados, Anthony teria assumido a responsabilidade de cuidar integralmente da irmã mais nova. Por ser o único homem da família, é como se ele sentisse uma necessidade muito grande de cuidar das mulheres de sua casa, inclusive de sua mãe. “A mãe dele está acabada Julia e ele fica muito abalado. Anthony falou para mim esses dias:

¹¹ Caminhos verdes pela Sabana, não urbanizados, por onde muitas pessoas continuam circulando na fronteira. Estes são caminhos irregulares, não urbanizados.

¹² Comunidade indígena que vive na região de fronteira entre Brasil e Venezuela.

Miriam eu tenho medo de não vencer na vida. E eu fico assim chocada sabe? Digo, Anthony você é apenas uma criança, não deveria ter esses tipos de angústias assim na sua idade. É como se esses problemas muitos sérios com o pai dele criaram nele um senso de responsabilidade muito grande por ser o único homem, porque ele precisa ser bem-sucedido a qualquer custo para liberar a mãe dele. Entende? Mas toda essa ansiedade que isso gera faz com que ele não consiga dormir, comer direito. Eu falo: Anthony, se eu deixei essa maçã aqui é para você se manter forte e saudável, meu querido. Eu procuro manter ele ocupado, ele me ajuda muito. Sempre que a gente consegue a gente manda uma cesta básica para família dele através dos Pemón. E ele sempre prioriza tudo para a Valeria. Faz vários desenhos, cartões, lembrancinhas para mandar para ela. Ele tem uma habilidade tão grande para decorar. Ele decorou tudo para o aniversário da minha sobrinha e ficou bem a cara dela sabe? Ele conseguiu captar várias coisas que ela gosta e transformar isso em tema de festa. Tão bonito, tão cuidadoso, eu senti que foi uma forma de me agradecer também. Aí por exemplo, sobraram alguns enfeites da festa e ele pediu se podia guardar para o aniversário da irmã dele que é agora em setembro e agora ele fica trabalhando a noite toda no aniversário da irmãzinha. ”

Ficava cada vez mais claro quão difícil estava sendo para Anthony ficar tanto tempo longe da família e principalmente um tempo indeterminado, sem data de retorno prevista. Os dias pareciam estar se repetindo, a saudade da irmã e de casa sempre aumentando.

Quando nós pensamos em um menino que está longe da família, frequentemente pensamos que ele deve estar sentindo principalmente a falta da mãe. No entanto, com Anthony pude perceber que era uma saudade bem mais “concentrada”, na irmã mais nova. Talvez ele se sentisse o mais responsável por ela dentro do ambiente familiar e agora tinha medo de que ela não estivesse tendo os mesmos cuidados que antes. É interessante e a Antropologia também nos ajuda a observar como as relações de parentesco não estão nunca dadas. São diversas as formas com as quais as relações familiares e suas organizações se dão de forma particular. No caso de Anthony é possível perceber uma certa ambiguidade na sua figura enquanto criança, mas também com certas responsabilidades “adultas”. Essa também considero uma estratégia por parte de Anthony mesmo que inconsciente. Perante a lei e o estado eu sou considerado uma criança e por isso não sou plenamente responsável pelos meus atos, no entanto, em casa eu sou uma figura responsável e me aproprio de certa forma

de uma figura “adulta”. Nesse sentido a Antropologia nos relembra que não existe a infância de uma forma genérica. Existem crianças em contextos.

Falamos aqui de uma antropologia da criança e não da infância. Porque a infância é um modo particular, e não universal de pensar a criança. A ideia de infância é uma construção social e histórica do Ocidente. Ela não existe desde sempre, e o que hoje entendemos por infância foi sendo elaborado ao longo do tempo na Europa, simultaneamente com mudanças na composição familiar, nas noções de maternidade e paternidade, e no cotidiano e na vida das crianças, inclusive por sua institucionalização pela educação escolar (Cohn, 2005, p. 21).

A ausência de Anthony em sua família representou a perda de um pilar. Nesse caso a criança sujeito tem um estatuto moral na família e no privado diverso que o estatuto no público. Diante destas reflexões perguntei novamente à Miriam se não era o caso de reavaliar a possibilidade de fazer ele voltar para casa mesmo tendo que passar pela quarentena do outro lado, na Venezuela. “Eu sou amiga da presidente do conselho tutelar da Venezuela e ela me disse que melhor opção é que ele permaneça aqui. Disse que a quarentena lá é terrível. Eles te isolam numa casinha minúscula, com outras crianças delinquentes. E essa pode ser uma experiência ainda mais traumática para ele. ” Apesar da luta incessante de achar um modo para Anthony voltar para casa, a única solução plausível e que foi dada por parte dos órgãos responsáveis foi esperar. Esperar a reabertura da fronteira, esperar que o vírus suma ou que a vacina chegue. Enquanto isso, os conflitos pelo monopólio das transações clandestinas na fronteira se intensificam, os números de mortos e contaminados por covid-19 só aumentam e Anthony parece ficar cada vez mais distante da possibilidade de poder voltar para casa. A espera é na verdade uma resposta comum por parte das autoridades migratórias. Aqui, os tempos são longos.

2.2 O estudo de caso de uma criança desacompanhada

O contexto em que realizo minha pesquisa, como disse antes, é um contexto pandêmico. O novo cenário que se reconfigurou diante de mim fez com que eu tomasse novas decisões. Uma delas foi concentrar minha pesquisa e direcionar meu olhar ao estudo de caso de uma criança desacompanhada. Mas o que é um estudo de caso? O estudo de caso é uma forma particular de estudo que enfatiza a compreensão dos eventos particulares e pode ser definido como “uma família de métodos de pesquisa cuja decisão comum é o enfoque numa

instância” ou “uma investigação sistemática de uma instância específica” (NISBETT e WATT, 1978, *apud* ANDRÉ, 1984, p.51). Essa instância pode ser um evento, uma pessoa, um grupo, um programa, uma instituição, etc.

As técnicas de coleta de dados utilizadas no estudo de caso se identificam com as técnicas do trabalho de campo da sociologia e antropologia. Porém, a metodologia do estudo de caso é eclética, incluindo, via de regra, observação, entrevistas, fotografias, gravações, documentos, anotações de campo e negociações com os participantes do estudo. (André, 1984, p. 52).

Uma das implicações do estudo de caso é utilizar as entrevistas mais do que é usual nos estudos de observação participante. No entanto é preciso cautela para garantir um certo sigilo e controle das informações que serão publicadas, o que ressalta um certo dilema ético de tal metodologia. O objetivo do estudo de caso é permitir interpretações alternativas e generalizações naturalísticas, através de relatos que contêm ricos dados brutos. Os métodos de trabalho e o processo de triangulação do pesquisador devem ser descritos e os pontos de vistas dos participantes devem ser trazidos para que os leitores possam compreender o estudo em sua plenitude e fazer seus próprios julgamentos (ANDRÉ, 1984).

Nesta pesquisa trago o estudo de caso de uma criança desacompanhada, Anthony. Como já descrito acima, Anthony ficou preso na fronteira de Pacaraima e não pode retornar para sua casa e família que ficam do lado venezuelano da fronteira. Por mais que as fronteiras haviam sido fechadas devido a pandemia, meu intuito é insistir sobre o fato de que Anthony é menor de idade e logo, busco entender como seu ingresso tenha sido impedido tendo em vista sua idade, e o considero nesse caso um menor desacompanhado. Em primeiro lugar, o Comitê das Nações Unidas define uma diferença entre menor desacompanhado e menor separado.

Um menor desacompanhado é qualquer ser humano com menos de 18 anos que foi separado de seus pais e outros parentes e que não está sob a supervisão de um adulto, que por lei ou por costume é responsável por ele. Uma criança separada é um menor de 18 anos que foi separado de seus pais ou prévios representantes legais, mas não necessariamente de outros parentes, de modo que está acompanhado por outro membro adulto de sua família ou amigo da família. (MARTUSCELLI, 2017, p.79)

De acordo com essa definição, Anthony pode ser considerado sim um menor desacompanhado, pois Miriam não é um membro familiar de Anthony. É importante ressaltar que se não fosse por Miriam, Anthony teria ficado sozinho do lado brasileiro da fronteira. De acordo com Bhabha (2014) os Estados não sabem lidar com crianças desacompanhadas porque eles não vislumbram crianças que migrem sem a presença de um adulto. Outro fator

é que a criança é considerada como sem capacidade de ação o que impacta como essas são percebidas pelas autoridades de fronteiras. Bhabha (2014) aponta que é como se as crianças tivessem uma dupla vulnerabilidade, por causa da idade e do status migratório. Essa dupla vulnerabilidade e a falta da perspectiva dos direitos das crianças não incorporada nas políticas e legislações migratórias, representa um desafio para os tomadores de decisões. “Não se reconhece a real possibilidade de a criança decidir por vontade própria se tornar um migrante (...) e não levam em consideração as condições e necessidades específicas desse grupo” (MARTUSCELLI, 2017, p. 83).

A migração infantil é um fenômeno crescente no cenário internacional e crianças que migram sozinhas são um fenômeno que tende a aumentar, tanto as que migram de maneira forçada como voluntária. De acordo com Bhabha (2014), a migração infantil é um fenômeno contemporâneo que gera mudanças e molda o mundo. Todos os fluxos migratórios são compostos por 11% de jovens e crianças de menos de 20 anos. No entanto esse fenômeno ainda é pouco estudado porque não se reconhece a agência das crianças que são consideradas apenas como um apêndice do núcleo familiar no processo migratório. Em 2016 houve um registro recorde de quase 100 mil menores desacompanhados ou separados. No mesmo ano o número de crianças refugiadas dobrou entre 2005 e 2015, chegando a 11 milhões, o que equivale a 1 a cada 200 crianças no mundo são refugiadas (MARTUSCELLI, 2017).

No caso da migração venezuelana para o Brasil, entre 2018 e 2019, registra-se que cerca de 2 mil crianças e adolescentes cruzaram a fronteira sozinhos ou acompanhados de pessoas que não eram seus responsáveis legais. Dentre eles mais de 400 chegaram à Pacaraima completamente sozinhos (PASSARINHO, 2019).

No entanto, o caso de Anthony não representa exatamente um ato de migração voluntária, já que lhe foi barrado o direito de retornar ao próprio país de origem, devido à uma situação de calamidade sanitária. É inegável que a pandemia interferiu diretamente no fluxo migratório Brasil-Venezuela, fechando as fronteiras e restringindo a circulação, ação essa necessária com o objetivo de diminuir os contágios pela covid-19.

É importante ressaltar que o caso de Anthony não é um caso isolado. A antropologia reforça o aspecto social de comportamentos e acontecimentos e isso leva a elaboração de sistemas que vão além do caso individual. Através de uma demonstração metodológica é possível elaborar uma análise do particular ao geral. Nesse sentido, de acordo com Claudia

Fonseca (1999), o método etnográfico pode ser definido como “o encontro tenso entre o individualismo metodológico (que tende para a sacralização do indivíduo) e a perspectiva sociológica (que tende para a reificação do social) (FONSECA, 1999, p. 59).

Trago a autora Fernanda Rifiotis (2018) que analisa as experiências de crianças em situação de refúgio no Brasil. A autora problematiza:

As maneiras pelas quais essas crianças se constroem como sujeitos, a partir dos modos como operam as tecnologias de governo voltadas aos refugiados no país, sobretudo a tensão entre proteção à infância e gerenciamento das migrações. Enquanto menores em perigo, são antes de tudo as normas legais ligadas à proteção da infância que deveriam prevalecer. No entanto, por vezes, a condição de estrangeiro é privilegiada e essas crianças são submetidas estritamente às políticas de migração destinadas, em geral, aos adultos (RIFIOTIS, 2018, p. 1).

Nesse sentido, é importante pautar que as crianças possuem um tratamento jurídico diferenciado por estar em um período de formação e por ser mais vulnerável a riscos e danos do que adultos (RAFFOUL, 2020). Experiências de crianças em deslocamento tem o potencial para refletirmos sobre seus direitos e seu protagonismo social nos modos de gerenciamento da chamada crise migratória.

O que eu busco entender a partir do caso de Anthony é entender porque foi vetado à um menino de 14 anos seu retorno a casa. Estamos tratando de uma criança que ficou sozinha e à deriva, de uma família que não teve autonomia e que não pode se reunir durante um longo período. Neste caso, como explicar a intervenção do Estado que retirou o direito dessa família de permanecer unida? Percebe-se que existe uma tensão entre a proteção à infância e o gerenciamento das migrações. Essa tensão cria uma dupla premissa que opõe criança x estrangeiro, ou criança x perigo. Isso implica numa constante negociação que a depender de um contexto define-se qual dessas duas figuras assume o primeiro plano (RIFIOTIS, 2018). No caso de Anthony a proibição do seu retorno ao país de origem parece estar mais vinculada à ideia de perigo do que a de criança e vulnerabilidade. A situação de Anthony demonstra a falta de experiência do Estado brasileiro e da legislação a respeito dos direitos das crianças imigrantes principalmente em uma situação de crise sanitária, de pandemia, na qual os que passaram, passaram, e os que ficaram, ficam.

CAPÍTULO 3

Produções das crianças na pandemia

3.1. Deixem as crianças falarem...

“As crianças não são apenas boas em aprender,
mas também em ensinar”
(Sousa, 2017, p. 223).

Nesta terceira parte busco analisar seis vídeos feitos por nove crianças do projeto. Assim como o caso de Anthony, busco analisar esses vídeos numa perspectiva macro que não considera essas histórias fenômenos isolados, mas que fazem de um contexto migratório atual que atravessa a vida de várias crianças de maneiras diversas. Desde o início de minha pesquisa sempre quis deixar claro que o que me interessava era principalmente o ponto de vista das crianças. Seus pontos de vista com relação ao processo migratório, seus pontos de vista com relação à pandemia, entre outros. As crianças representam um público extremamente vasto nessa migração e enfrentam diariamente diversos desafios no novo território. Um público que muitas vezes não é levado a sério, mas que tem muito a dizer. É interessante que as crianças possam retratar sua realidade a partir de suas próprias palavras. Como reforça Clarisse Cohn (2005) a criança é atuante e tem um papel ativo na constituição das relações sociais, e portanto, não representa uma figura passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Procuro analisar os sentidos e as percepções de crianças migrantes a respeito de seus próprios processos de migração. Para isso é preciso levar em consideração sua participação direta e ativa no mundo enquanto sujeito social. Portanto, a criança é um sujeito capaz de exprimir pensamentos e ideias, de analisar contextos vividos e não vividos, que ao se relacionar com outra cultura, atribui sentidos e significados pessoais ao que conhece (CONDE; ALCUBIERRE, 2018). É importante ressaltar que parto da premissa que considera a criança um sujeito social pleno, ativo e produtor de sentido sobre o mundo (COHN, 2005).

Por mais que não tenha sido possível ter um diálogo direto com outras crianças do projeto além de Anthony, devido a pandemia, a partir da *live* sobre como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia, leituras, conversas com uma de minhas orientadoras, Luciana Hartmann, e Miriam, cheguei à conclusão de que seria interessante inventar um outro

mecanismo e utilizar outro tipo de ferramenta que possibilitaria essa troca e um certo diálogo. Por mais que eu tivesse pensado inicialmente em desenhos, o *feedback* e o produto que eu recebi das crianças foi muito melhor. Miriam me mandou vídeos produzidos por essas crianças durante a pandemia e o *lockdown*, onde elas narram suas experiências migratórias. No entanto, qual é o contexto em que vivem estas crianças? “É ingênuo da nossa parte, e talvez até perverso, achar que estão dentro de casa e que este período tem sido vivido de maneira igualitária para todas as crianças. Que crianças estão em casa? De que casa falamos?” (Pastore, 2020, p. 6)

A quarentena das crianças da Casa da Música tem sido uma questão e também um desafio para mim. A única criança com a qual pude dialogar diretamente neste contexto pandêmico foi o Anthony, que passou grande parte do isolamento social longe da família, mas numa casa. Do lado Venezuelano Anthony mora em um abrigo e afirma que a casa da Música é “muito melhor” nesse sentido da estrutura. Fico me perguntando: as outras crianças do projeto que também consideravam a Casa da Música como uma segunda casa? Miriam afirma que a maioria das crianças moram em edifícios precários ou em abrigos. O confinamento em um ambiente que carece de infraestrutura com certeza não é fácil, especialmente para as crianças. Nesse sentido, as crianças não estão confinadas de maneira igual. Ao pensarmos no confinamento, não estamos falando apenas de corpos confinados, mas experiências, relações e trocas (GHIRARDI, 2011; PASTORE, 2020).

A reclusão nos espaços domésticos reconfigurou nossos campos de estudos e os tempos do aqui e agora, isso implicou em uma necessidade, como reflete Pastore, de “ampliar discussões sobre cuidado, direitos, vulnerabilidades e outras variáveis em que as crianças devem ser questionadas enquanto sujeitos sociais e participantes de seus cotidianos, das modificações impostas e que, embora não tendo sido colocadas como grupo de risco nessa pandemia, tem tido seus direitos negados, principalmente o de mobilidade e de participação” (Pastore, 2020, p. 9)

Como essas crianças interpretam as novas regras de isolamento social? O que significa para elas manter o distanciamento e se higienizar constantemente? Será que elas dispõem de alguém para cuidar e brincar com elas? A pandemia provoca desafios e se torna necessário reorganizar nossos modos de pensar ações em diferentes contextos culturais e sociais. É preciso propor estratégias e soluções que sejam pautadas nas realidades das crianças e

questionar os modos universalizantes da infância baseados em visões biologicistas e desenvolvimentistas, que criam uma falsa dualidade entre criança “normal” e “atípica”. As condições impostas pela pandemia, seja de um confinamento ou adoecimento, não atinge as crianças de maneira igual. Existe uma diferença social que implica em experiências plurais das infâncias (PASTORE, 2020).

Além disso, a infância não representa o mesmo nem é vivida da mesma maneira em todos os grupos humanos. A infância como grupo só começa a existir para seus integrantes quando ela é distinguida a partir de características que são ligadas a um grupo particular de pessoas, tornando-se assim uma categoria social. A antropologia demonstra que as idades são socialmente recortadas de diversas maneiras, e têm um valor diferente nas diferentes sociedades. É necessário articular a questão da diversidade dos modos de ser criança com as diferenças culturais e sociais, levando em consideração as desigualdades sociais. É com a articulação dessas duas dimensões, diversidade e desigualdade, que é possível analisar os problemas sociais da infância em toda sua complexidade (COLÁNGELO, 2003). Nesse sentido, busco ampliar essa discussão e me interesso pelos contextos das crianças, a fim de dar visibilidade as temáticas da infância em diálogo com as temáticas migratórias.

3.2. Senta que lá vem as histórias...

Esses vídeos foram feitos a pedido de Miriam, para que possa manter registros de áudios e vídeos do projeto a Casa da Música. Eles servem para avaliação e construção histórica do que vem sendo feito na instituição. A iniciativa de me mandar os vídeos, partiu de um pedido que eu havia feito a ela de poder ter algum tipo de material feito pelas crianças nesse período da pandemia. A partir de agora busco descrever esses vídeos.

O primeiro vídeo de 2:24 minutos de Angeli¹³, menina venezuelana de 10 anos e cabelos cumpridos que inicia o vídeo cantando uma música em português, em meio a algumas plantas e um fundo de parede rosa. Em seguida a menina narra, em espanhol com uma música alegre no fundo, sua viagem para Pacaraima com sua mãe quando havia 8 anos. Ela conta que foi difícil deixar seu pai, seu irmão e seus amigos na Venezuela, mas também estava alegre

¹³ Todos os nomes das crianças que elaboraram os vídeos são fictícios.

pela nova experiência em um novo país. Quando ela chegou na escola disse que teve dificuldade com o idioma e também porque não conhecia ninguém, mas com o tempo foi fazendo novas amizades (aparecem fotos dela na escola com a turma). Um de seus sonhos era cantar e graças a deus (aparece uma imagem de Jesus) teve a oportunidade de conseguir entrar em uma escola de música. Ela diz que ficou muito alegre, feliz, surpresa, encantada e sorridente com essa notícia.

Obrigada a AICAEP, a ACNUR e a maestra Miriam Bloss por toda a ajuda que nos estão dando e por acreditar em mim, me dando a oportunidade de estar em uma escola de música. Um dos meus grandes sonhos é de me reencontrar com meu pai e meu irmão para estarmos de novo juntos como uma família unida e amorosa. Obrigada Brasil, pela nova vida.

O vídeo termina com uma imagem da bandeira brasileira. A apresentação e edição do vídeo tinham uma qualidade técnica muito boa. Sua fala se alternava com imagens, fotos e textos escritos. No início do vídeo aparece seu nome escrito em branco num fundo preto e embaixo com uma escrita menor a palavra Venezuela, dividida com as três cores da bandeira “ven” em amarelo “ezu” em azul e “ela” em vermelho. Havia até mesmo uma trilha sonora enquanto ela contava sua história! Achei bem criativo. O ângulo, as plantas, o cabelo penteado, o pano rosa no fundo, tudo aquilo havia sido montado e cuidadosamente pensado para a gravação deste vídeo, ou seja, haviam elementos da linguagem cinematográfica.

O segundo vídeo é de Arianna e tem 1:27 minutos. Arianna parece mais nova, parece ter uns seis anos aproximadamente e inicia o vídeo dizendo que vive em Pacaraima e tem um irmão maior que se chama Oliate e tem 12 anos e outro que se chama Josué de quatro anos.

Eu sinto muita saudade de minha família que está na Venezuela e eu não posso vê-los com esse coronavírus. Minha mãe trabalha todos os dias... todos os dias minha mãe trabalha e eu e meu irmão cuidamos do nosso irmão. Todos os dias. Eu gosto muito de cantar e dos animais. Eu tenho uma prima na Venezuela que se chama Natalie e eu tenho uma irmã que se chama Francesca.

Depois disso Arianna começa a olhar para cima e para de falar. Em seguida ela agradece a Deus e o vídeo termina repentinamente. Arianna descreveu muito bem seus familiares, falou inclusive a idade dos irmãos e não a sua. Reforçou o fato da mãe trabalhar todos os dias o que transfere a ela uma responsabilidade em cuidar do irmão mais novo, responsabilidade da qual ela parece se orgulhar. Ao falar das primas e irmãs que estão na

Venezuela, acabou perdendo o fio do discurso e se emocionou. Com as fronteiras abertas as visitas entre familiares podiam ser mais constantes e Arianna tem seu pai e seu irmão na Venezuela. No entanto, naquele momento, devido a pandemia da covid-19 a fronteira já estava fechada há quase cinco meses.

O terceiro vídeo, que tem 1:51 minutos, é de Emely de 11 anos. Emely nasceu na Venezuela e conta como a vida antes lá era boa, sempre unida em família, mas com o passar dos meses isso foi mudando e a vida lá começou a ser difícil.

Meu pai e minha mãe trabalhavam muito, mas o dinheiro só dava para a comida. Eu via tanta tristeza no rosto de meu pai e minha mãe. Um dia meu pai tomou a decisão de irmos para outro país. Fiquei muito feliz e muito triste com a notícia, porque deixaria meus entes mais queridos. Meu avô, minha avó, meus tios, minhas tias, meus primos e meus amigos. Quando cheguei no Brasil senti muito medo, já que era um novo país, uma nova cultura e um novo idioma, mas eu criei forças e segui em frente. Demos o primeiro passo que foi conseguir nossos documentos e graças a ONU tivemos nossos documentos regulados. Com o pouco dinheiro que havíamos guardado, conseguimos alugar um quarto. Minha mãe ia para as ruas vender torta e meu pai ia para as ruas pedir emprego. Um dia minha mãe conheceu uma senhora que comentou sobre a escola de música Canarinhos da Amazônia e aí foi quando minha mãe me perguntou: filha qual é seu sonho? E eu disse: mãe meu sonho é ser cantora e um dia voltar para Venezuela. Minha mãe tomou a decisão de ir até a fundação e falar com a coordenadora da escola de música a maestrina e ela nos recebeu com muito carinho e muito amor. E então eu disse: meus sonhos se realizaram, por fim vou ser uma cantora. Lá eu conheci também a AICAEP e a ACNUR que se encargam de receber imigrantes como eu. Muito obrigada, esta é minha história.

Este vídeo é extremamente expressivo. Era possível perceber que ela não tinha apenas escrito e lido um texto, o que demonstra que estava altamente preparada, como parecia que ela estava realmente sentindo cada palavra que dizia. A linguagem dita e a linguagem corporal estavam em perfeita sintonia. Quando falava sobre o sonho de ser cantora sorria e ficava alegre, às vezes fechava até os olhos, como se estivesse cantando. Achei ela muito bem articulada e com um senso de responsabilidade e maturidade impressionante para a sua idade.

O quarto vídeo, de 5:27 minutos, é de duas irmãs, **Stephany** de 10 anos e **Anny** de 12 anos. Elas vieram de El Tigre, Venezuela. Ambas estão sentadas na cama com camisas floridas e se escuta o som da uma televisão no fundo. Sorridente, Anny começa a contar suas histórias.

Nossa história foi assim: um dia, meu pai sempre trabalhava, sempre íamos passear, íamos nos parques íamos comer sorvete e aproveitávamos. Sempre saíamos e depois chegou um dia que não tínhamos o que comer, minha mamãe e meu papai não tinham trabalho. E Depois um dia meu pai foi para o Brasil e um senhor deu trabalho para meu pai. Ele mandava diariamente real para nos alimentar na Venezuela e ele mandava diariamente. E Depois chegou um dia que ele veio nos buscar. E Depois nós viemos com meu tio, minha prima, minha avó e minha tia. E Depois tínhamos que dormir.. as vezes tínhamos que dormir *en la cancha*¹⁴ *en la quadra* e depois meu pai nos levou para onde estava trabalhando escondido à meia noite e depois as 5h da manhã tínhamos que ir tomar café da manhã *nel padre*¹⁵ com os Warao e eles estudam também e eu também estou estudando lá. E Depois meu pai conseguiu com um senhor brasileiro que deu a ele uma casinha de madeira. Ficamos lá um mês e continuávamos tendo que sair as 5h ou 4h da madrugada para tomar café da manhã *nel padre*. E Depois conhecemos a senhora Amélia que também nos ajudou e nos deu comida. E Depois a senhora Amélia nos apresentou la maestrina. (neste momento se escuta um soluço do que parece um choro reprimido, provavelmente de quem estava filmando) E Depois ela levou o Gabriel para conhecer a maestrina nos deu roupas e chinelos e comida(3:34). (Anny se emociona e começa a evitar olhar para câmera. Mesmo assim continua a descrever a história mas se emociona cada vez mais) Meu irmão.. um senhor deu uma *ciola*¹⁶ a meu irmão, e Gabriel com essas ciolas foi com a senhora Amélia até a fundação¹⁷. E Depois.. (Anny tenta segurar cada vez mais o choro) depois agradecemos a senhora Amélia e conhecemos a maestrina. (Anny enxuga as lágrimas com a mão) E depois.. e depois.. (Nesse momento Stephany continua a contar a história) Depois a maestrina nos deu roupas, nos deu comida e começamos a cantar com a maestrina, fizemos a audição e nós começamos a estudar lá. Graças a senhora Amélia nós conseguimos.. nós conseguimos.. (Stephany também se emociona) conseguimos uma escola pelo menos para cantar (Stephany começa a enxugar as lágrimas com as mãos) E para aprender a estudar e a ler (complementa Anny) E para estudar e a ler (repete Stephany) A maestrina começou a nos ajudar e a maestrina está ajudando as crianças venezuelanas, as pessoas venezuelanas e as crianças que passaram pela *trocha*¹⁸ com seus pais e suas mães. (Diz Anny). Não tinham nada para comer então um dia nos mudamos pra cá e vimos gente vindo para cá pela *trocha* e nós os trouxemos aqui para casa e os ajudamos a comer, lhe demos coisas e comida. (Relembra Stephany) Roupas, chinelos (Diz Anny) E agradecemos

¹⁴ quadra de esportes

¹⁵ Projeto do padre Jesus que oferece café da manhã para pessoas de rua. (ver p. 15)

¹⁶ chinelos

¹⁷ Fundação Canarinhos da Amazônia AICAEP.

¹⁸ Caminhos verdes, caminhos que não são legais por meio das montanhas e savanas.

também a ACNUR por nos ajudar e a todos vocês que ajudaram todas as crianças venezuelanas e pessoas venezuelanas (Finaliza Anny) Obrigada um abraço e beijos a todos (Diz Stephany) Obrigada, amamos muito vocês (Encerra Anny).

Creio que este foi o vídeo que mais me emocionou. Foi difícil conter as lágrimas. Foi possível perceber a dificuldade na fala destas irmãs ao narrarem e relembrares todas as dificuldades que passaram e os desafios que tiveram que enfrentar. Apesar de terem passados por situações extremamente difíceis, é bonito como as duas se ajudaram a contar a história no vídeo, quando uma começava a chorar e travava um pouco a outra ajudava a terminar o raciocínio e vice e versa. Fico imaginando como as duas também devem se ajudar muito no dia a dia, parecem ser irmãs bem unidas. De fato, Miriam me contou que elas estão sempre, sempre juntas, uma ao lado da outra, uma ajudando a outra. Este vídeo nos faz refletir sobre o processo migratório venezuelano aos olhos de uma criança. O que significa para ela deixar sua casa, seus amigos e seu país? O que significa chegar em um lugar e passar fome, não ter uma casa, não ir à escola? As meninas entendem essa dificuldade e sentem a mudança. É importante dar visibilidade à estas histórias e incentivar a realização de políticas públicas que acolhem essas crianças, daí percebe-se também a importância da Casa da Música neste aspecto, de ajudá-las e ouvi-las. Como o Brasil tem lidado com o aumento da migração Venezuelana? Quais foram as políticas públicas direcionadas ao público infantil neste período? Estas são algumas das perguntas que surgem ao assistir esses vídeos e procuro discutir mais à frente.

O quinto vídeo de 3:04 minutos é de Gabriela de 9 anos. Gabriela descreve sua cidade natal na Venezuela como um lugar maravilhoso, com muitas montanhas, vales, paisagens, cachoeiras, rios, um paraíso na terra. Lá ela vivia com toda a família, seus pais trabalhavam, suas professoras a adoravam, ela tinha muitos amigos e gostava de participar das atividades da escola. Aos sábados ela ia à igreja com seus pais.

O tempo foi passando e a situação do meu país foi se deteriorando cada dia mais e mais, chegando ao extremo que o salário familiar não dava para nada e meus pais tiveram que renunciar a suas carreiras de trabalho. Faz aproximadamente um ano desde quando tomaram a decisão de imigrar a este país vizinho, o Brasil, que nos abriu as portas com muito amor. Como a maioria dos imigrantes, meus pais quando chegaram no Brasil começaram a buscar trabalho e graças a Deus meu pai teve a oportunidade de ingressar e fazer parte da equipe de trabalho da Associação Internacional Canarinhos da Amazônia

Embaixadores da Paz que tem como presidente a maestrina Miriam Bloss. Essa instituição também me deu a oportunidade de fazer a audição e ser selecionada para o coro base e também participar de uma gravação de um vídeo musical. Através dessa fundação recebemos também o apoio da ACNUR que sempre nos ajuda. Viver em um novo país não é fácil, mas seguimos lutando para algum dia poder ver nossos familiares outra vez. Meus sonhos é ser cantora e também ser advogada (Gabriela mostra um desenho para câmera) e agora vou cantar uma música que todos conhecem”. (Gabriela começa a cantar um trecho da clássica música *Dolce Sentire*).

Gabriela é muito bem articulada e estava de vestido, laços e cabelos penteados. Ela falava e cantava com a natureza e plantas no fundo e havia uma guitarra pendurada ao seu lado. Isso remetia a presença constante da música e sua importância para Gabriela, afinal, seu sonho é ser cantora um dia. Assim, como verde e as plantas no fundo também foi uma escolha. Quando Gabriela descreveu sua cidade, na Venezuela ela prestou muita atenção em descrever as riquezas naturais da região. Gabriela abria as mãos e sorria quando lembrava dos rios, montanhas e cachoeiras, era como se ela estivesse os vendo ali naquele momento.

O sexto vídeo de 2:22 minutos é de três irmãos. Eliana de 11 anos começa se apresentando e apresenta também seus irmãos Hillary e Ender, tudo em português.

Nós vamos contar uma história de superação e motivação”. (Hillary prossegue sempre em português) “Boa tarde a todos os presentes, saúdo à todos os refugiados e imigrantes que se mobilizaram a este país pela situação econômica e social que vive nosso país e nossa Venezuela, que mediante as orações a Deus esperamos o melhoramento para o regresso de todos vocês. Narrando a história e superação. Meu nome é Eliana, eu tenho 13 anos, eu vou contar a história da minha família. Meu pai no 2018 imigrou ao Brasil que nos acolheu com muito carinho e amor. Meu pai trabalhou e lutou bastante, como trabalhador de informal, trabalhador de áreas de manutenção e pedreiro para transferir recursos monetários até a Venezuela para a compra de alimentos e outras coisas mais.” (Ender continua) “Outras coisas mais que nos serviram para ter uma boa administração já que o salário da minha mãe não dava para nada, pela inflação do país ela decidiu trocar o pouco de dinheiro para transferirmos para o Brasil. Na chegada ao Brasil nosso pai nos acolheu com muito carinho e amor. Ao passar os meses e o tempo o salário do meu pai não tava prevendo nem pra comida, então minha mãe decidiu encontrar trabalho lá na fundação Canarinhos da Amazônia AICAEP dirigida pela presidente Miriam Nascimento Bloss. Um grande agradecimento a ACNUR e seus programas sociais pelo aporte e apoio a escola canarinhos da Amazônia e aos refugiados. Também queremos

falar sobre a pandemia corona vírus covid-19 que está impactando o mundo e afetando casas, pessoas e seres queridos, que nos impossibilitou o esporte, a educação e a cultura. Também queremos agradecer ao Brasil as instituições públicas e privadas do Brasil, obrigado. ” (Todos repetem juntos) “Brasil povo amigo latino-americano te queremos viva a Venezuela gracias! .

Este foi o único vídeo em que as crianças fizeram o esforço de falar português. Todos estavam com a camiseta verde amarelo do Brasil, sentados atrás de uma mesa com objetos a frente que simbolizavam algo e tinham um sentido específico naquele contexto. Havia uma revista sobre o coronavírus no centro, um objeto com a sigla do AICAEP, um objeto com a sigla da ACNUR e uma garrafinha com o a sigla da PRF. Isso mostra que eles parecem entender quais são os atores presentes e importantes no espaço do Projeto. Tudo parecia muito bem ensaiado, o que cada um falava e quando cada um falava. Enquanto um falava os outros permaneciam como estátuas sorridentes, mesmo quando algumas situações narradas eram menos felizes. O que me marcou nesse vídeo foi o incrível otimismo e determinação dos três irmãos ao contar o que eles mesmos chamaram de “história de superação”. Claro que eles apontam as inúmeras dificuldades que passaram, mas mesmo assim com a cabeça erguida e um sorriso no rosto. No final eles agradecem o Brasil e fazem uma espécie de coreografia todos em sincronia: batem no peito, erguem os braços com punhos fechados simbolizando resistência e beijam o símbolo do Brasil em suas camisetas.

3.3 Crianças migrantes, crianças protagonistas

Nessa sessão, procuro analisar os sentidos e as percepções de crianças migrantes a respeito de se seus próprios processos migratórios, a partir dos depoimentos dados nos vídeos acima descritos. Para isso é preciso levar em consideração sua participação direta e ativa no mundo enquanto sujeito social. Portanto, a criança é um sujeito capaz de exprimir pensamentos e ideias, de analisar contextos vividos e não vividos, que ao se relacionar com outra cultura, atribui sentidos e significados pessoais ao que conhece (CONDE; ALCUBIERRE, 2018).

Existem “atravessamentos” ou “transbordamentos” que podem permitir o contato entre a ciência antropológica e a arte da narração de histórias. O uso da música, os repertórios, as estratégias de início e conclusão de histórias, o enquadramento do vídeo, as imagens, os

penteados, a postura são elementos importantes empreitados pelas crianças na construção de um vídeo e de uma narrativa. Nesse sentido, estas questões adentram num estudo das performances narrativas de jovens contadores de história (HARTMANN, 2014). Considero importante para mim nesta análise a descrever seus gestos e estratégias narrativas que eu considero de resistência. Como interpretar as falas em que as crianças fazem um apelo ao fato de estarem longe de suas famílias extensas e de sentirem saudade? Como elas lidam com a realidade de uma pandemia que restringem os deslocamentos? De que forma a distância, as mudanças de casa, país, escola e língua as atingem?

Uma comparação interessante é que apesar da maioria dos vídeos terem sido gravados de pelas crianças, que se articulam, agradecem e apesar das histórias difíceis, se mantem de pé, retas e esperançosas com o futuro, no vídeo de Anny e Stephany¹⁹ as duas iniciam o vídeo sentadas com uma postura mais curvada e ficam extremamente abaladas ao contar suas histórias. Será que elas estavam confortáveis gravando esse vídeo? Claramente havia um adulto filmando aquela cena. Isso também nos faz refletir até que ponto as crianças são as exclusivas autoras dos vídeos. No entanto isso também representa uma certa espontaneidade no vídeo, o que talvez estaria mais ligado ao real, ou seja, ao que uma criança experimenta ao narrar uma vivencia marcada por conflitos. Porém, a maioria dos vídeos não é assim: o agradecimento pelo trabalho das agências é várias vezes reforçado e predomina numa narrativa que exalta essa figura, o que é compreensível ao se levar em conta o contexto para o qual foram produzidas.

Outra questão que me intriga nesses vídeos é o forte marco religioso. Vemos muitas crianças que agradecem a Deus e umas até colocam a imagem de Deus no próprio vídeo²⁰. O que isso significa? Patrice Schuch (2011) analisa os modos de gestão da infância e da juventude no Brasil e aponta para a construção de novas tecnologias de moralidades diversas, principalmente religiosas, e tecnologias de intervenção social como as práticas assistencialistas de “ajuda”. Isso põe em xeque retóricas unilineares sobre “modernidade”, direitos e processos de redemocratização. Esse debate nos faz refletir sobre a visão que é construída do trabalho voluntário e do apoio das ONGs, vinculado muitas vezes com sentidos morais e religiosos. Essa narrativa é reforçada inclusive por agentes jurídico-estatais

¹⁹ Ver página 54.

²⁰ Ver página 53

envolvidos com o governo de crianças e adolescentes, que longe de ser dominada pelo código legal, é inscrita em valores que ensejam o engajamento humanitário e a noção de “salvação” de crianças e adolescentes (SCHUCH, 2011).

Meu interesse também quer investigar o uso ativo da tecnologia as crianças narram suas histórias, descrevem como vivenciam, resistem e negociam com a dura realidade migratória, que agora está permeada também por uma nova dura realidade que se coloca a todos nós nesse momento pandêmico. As crianças assumem a posição de sujeitos de processos comunicacionais, produzem narrativas da infância e atuam na construção dessa categoria. Para dialogar um pouco com esse uso da tecnologia por crianças trago a autora Vanessa Pontes (2020). São complexos os modos em que as crianças e as tecnologias se agenciam para produzir formas e conteúdos de comunicação. Sempre em sintonia com uma discussão teórica e metodológica de estudos com crianças que da agência as crianças e as reconhece como criadores de saberes e sujeitos históricos ativos na construção da realidade social (PONTES, 2020). “As crianças são agentes e protagonistas nas tramas do cotidiano” (Freitas, *apud* Pontes 2003, p. 88).

Em tempos de pandemia e isolamento social as crianças produzem conteúdos e encontram na tecnologia formas de expressão que as conectam ao mundo. É interessante para mim observar como crianças imigrantes significam o uso da tecnologia na quarentena. É possível perceber o protagonismo das crianças de diferentes classes sociais na construção de seus cotidianos, que utilizam as tecnologias de forma mais intensiva (PONTES, 2020). Atualmente a tecnologia invadiu diversos espaços, as ruas as escolas, e está cada vez mais ligada não apenas ao lazer, mas também a aprendizagem, como é o exemplo do EAD, e a produção de conteúdos virtuais. A flexibilidade e as transformações constantes do uso da tecnologia estão interligadas às mudanças da sociedade, pois “tecnologias e sociedade são coproduzidas” (Pontes, 2020, p. 91).

Considerar a criança um ser isolado do mundo e passivo à influência tecnológica é o tipo de abordagem determinista que não cabe aqui. As consequências de uma abordagem determinista tecnológica atrelada a passividade infantil são relacionar diretamente a audiência infantil ao aumento da violência e uso de videogames a isolamento e depressão (PONTES, 2020). No entanto, é gritante o aumento das produções de conteúdo on-line feitos por crianças nos últimos anos, tal é o exemplo do fenômeno midiático dos *youtubers* mirins,

crianças que chegam a ter mais de 3 milhões de inscritos em seus canais de Youtube; o que contradiz a ideia de passividade (TOMAZ, 2017). Nesse contexto, as crianças não são apenas consumidores de conteúdos virtuais, mas também produtores. A sociologia da infância apresenta estudos que negam esta passividade e demonstram que a realidade das crianças passa a ser reconfigurada por meio de suas próprias ações. “Os usos das crianças na plataforma de vídeos permitem que elas produzam novas sociabilidades às quais também se submetem” (TOMAZ *apud* PONTES, 2017, p. 101). Não estamos sugerindo negar os prejuízos de um uso excessivo de tecnologia por parte das crianças, como problemas de saúde mental depressão, ansiedade, dificuldade na linguagem entre outros, no entanto, as crianças fazem parte da construção desse processo que não é nem bom nem mau a priori, mas contextual (PONTES, 2020).

Ainda que adultos tenham se envolvido na produção dos vídeos ou tenham contribuído com a elaboração das narrativas, não há como negar que o protagonismo das cenas pertence a elas, o ritmo impresso na transmissão da mensagem, o tempo de fala, inclusive, todo o conjunto de técnicas corporais que mobilizam na relação com a tecnologia: uma forma de posicionar o corpo, o olhar e a voz (Pontes, 2020, p. 101).

A própria etimologia da palavra infância reforça essa visão subalterna das crianças. Originária do vocábulo *fari* (falar, dizer) e do complemento *fans* (criança), o termo *in-fans*, que deu origem à infância, se refere àquele que não fala. Essa etimologia gera uma conotação negativa pois vincula a infância à ideia de um discurso desarticulado ou ilegítimo (PONTES, 2020).

A modernidade estabeleceu uma norma da infância, em larga medida, definida pela negatividade constituinte: a criança não trabalha, não tem acesso direto ao mercado, não se casa, não vota, nem é eleita, não toma decisões relevantes, não é punível por crimes (é inimputável). (Sarmiento *apud* Pontes, 2003, p. 102).

Para romper com a visão adultocêntrica onde crianças estão apenas sujeitas a um processo de socialização absorvido de forma mecânica e passiva, sem reflexão é preciso reconhecê-las como sujeitos ativos e atuantes no mundo, abrindo a possibilidade aprender com elas.

Outro aspecto interessante nesses vídeos é a performance envolvida na contação de histórias por parte das crianças. É interessante buscar entender “se e/ou como as performances narrativas das crianças podem suscitar a emergência de resistências diante das diferentes formas de manifestação do poder” (HARTMANN, 2019, p. 22). De acordo com

Foucault (1986) a resistência é inerente ao poder e por resistência não se entende exclusivamente não ceder ao poder, mas transformar, inovar e encontrar mudanças alternativas (HARTMANN, 2019). Nesse sentido, a performance envolvida nesses vídeos gera um debate sobre imigração e protagonismo infantil.

Um traço em comum na fala dessas crianças é o agradecimento à associação AICAEP (Associação Internacional Canarinhos da Amazônia Embaixadores da Paz). Também é possível perceber uma intensa descrição do presente, de como é a vida agora, e também uma descrição da passagem, do que era a vida antes da crise no país de origem e do que é a vida depois da travessia no país de destino. O foco na passagem, na mudança, aponta para uma das principais questões do processo migratório. Esta mudança é muitas vezes marcada “pela ruptura com referências, famílias, idiomas, afetos. (...) O jovem imigrante, tão logo chegue ao país, vai encontrar a acolhida e também vai se deparar com a diferença, com a alteridade”. (HARTMANN, 2018, p. 84).

De acordo com o Relatório de Mundial de Migrações da OIM de 2020, hoje 272 milhões de pessoas são migrantes internacionais e dentre eles 31 milhões são crianças e adolescentes. Este número significa que 1 a cada 8 migrantes são crianças ou adolescentes no mundo. Nesse sentido, as crianças migrantes são muitas e por isso precisam ter mais visibilidade em seus trajetos e também precisam ser o elemento chave para a formulação de políticas públicas adequadas. Ao assistir esses vídeos uma das perguntas que vem à tona é quais são as políticas públicas direcionadas para o público infantil venezuelano?

No Brasil, as crianças e adolescentes refugiados possuem os mesmos direitos que as crianças brasileiras e também são protegidas pelo ECA. Porém, é fundamental integrá-las a partir de suas necessidades específicas de cada localidade. Outro dado da OIM é que muitas das crianças que migram viajam sozinhas e por isso estão mais vulneráveis a situações de violência, exploração e abuso. Logo, a situação de crianças em busca de refúgio é particularmente delicada. Além disso, a grave situação de violação dos direitos humanos que diz respeito a crianças e adolescentes em situação de refúgio e a ausência de um protocolo normativo específico que garantisse a proteção integral desse público fez com que quatro Estados do MERCOSUL (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) demandassem ao Sistema Interamericano de Direitos Humanos uma posição homogênea sobre o assunto. Isso mostra a fragilidade da questão e a necessidade de um sistema jurídico mais preciso e abrangente

(LEANDRO, RICHTER, 2016; RAFFOUL, 2020).

O Direito Internacional reconhece a imaturidade da criança por se tratar de pessoa em desenvolvimento. Nesse sentido, a criança necessita de proteção especial por ser mais vulnerável a violações de direitos. O cuidado especial destinado à criança é estabelecido nas Declarações e Convenções de Direito Internacional, que auxiliam a elaboração de políticas públicas e legislações em âmbito nacional. Tendo em vista a vulnerabilidade das crianças refugiadas e a responsabilidade dos pais por seus filhos, o “Guia sobre Proteção e Cuidados com Crianças Refugiadas” da ACNUR sugere que para ajudar as crianças refugiadas é preciso ajudar suas famílias, ajudando a comunidade. (RAFFOUL, 2020; CASTRO, 2009). Para ajudar as famílias é preciso integrá-las a comunidade e por isso fornecer possibilidades para a inserção no mercado de trabalho, que não é fácil inclusive pela dificuldade do aprendizado da língua, coisa que as crianças parecem ter menos dificuldade, como no último vídeo, em que as crianças venezuelanas falam em português. Percebo a importância de cursos de português como os que eu dei na Cáritas, onde foi possível conhecer profissionais adultos venezuelanos com diplomas e experiências de diferentes áreas do conhecimento. Percebo nesse sentido a importância da Casa da Música que também fornece aulas de português, sendo a aprendizagem do novo idioma uma das principais ferramentas de inserção. Capacidade essa que é potencializada na infância e que reforça sua agência.

A participação da criança no mundo e nos processos migratórios deve ser reconhecida como um direito. Por participação entendo “todos os processos, ações e atividades que estão contribuindo para a construção de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos” (Arregui, 2019, p. 23). Esses processos devem envolver suas escolhas e tomadas de decisões a respeito de temáticas que as concernem. Este processo pode ser definido como “participação cidadã”, ou seja, processo que busca ampliar as vozes dos não escutados, desenvolver suas capacidades de decisões e afirmar as crianças e adolescentes como sujeitos de direito. Uma perspectiva estruturante em ações participativas como esta é a problematização do “dar a voz”, que faz parte de uma visão aduldocêntrica onde crianças na verdade não tem voz e o poder de fala é dos adultos, que concedem que as crianças e adolescentes falem de suas experiências e opiniões. Considero mais produtivo o reconhecimento da capacidade de expressão desses sujeitos e a elaboração de mecanismos que incentivam a manifestação dessas vozes, com uma escuta atenta e qualificada. Nesse sentido, não falo em dar voz mas

em reconhecer o direito à voz. Só assim a criança se vê como constituinte e fazendo parte da tomada de decisões. Para incentivar sua participação é preciso reconhecê-las como sujeitos de direitos e como atores centrais na construção e aperfeiçoamento desses direitos. Não é possível proteger plenamente as crianças se lhes é negado o direito à participação, logo, participação, proteção e provisão são indissociáveis. A participação é transformadora e a escuta pode incentivar a criação de estratégias de autoproteção por parte das crianças e adolescentes (ARREGUI, BORELLI, PONTUAL, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os dias milhares de pessoas deixam seus lares em busca de uma nova perspectiva de vida. As crianças fazem parte desses fluxos consideravelmente. Nesse sentido, é importante dar visibilidade a estes sujeitos e levar em consideração suas experiências e opiniões na formulação de políticas públicas e legislações direcionados a estes, que os representem. A escuta e o olhar atento da Antropologia são ferramentas importantes para a compreensão de contextos de diversidade cultural e geracional.

É claro que em um contexto de pandemia o cenário migratório se modifica, alguns se fluxos se reduzem e outros novos se criam. Muitos ficam em casa, mas as pessoas não param de se deslocar e de circular. Miriam nos conta que não param de chegar crianças novas no projeto, mesmo com as fronteiras ainda fechadas em meio à uma pandemia. Muitas pessoas continuam chegando pelas *troxas* e chegam a Casa da Música sem documentação, pois não passaram pela fronteira e nesse caso a lei é deportar. Além disso muitos abrigos fecharam durante o período da pandemia, como é o caso do abrigo para crianças desacompanhadas em Pacaraima. As autoridades brasileiras parecem não dar o suporte necessário para um fluxo migratório que não cessou apesar do fechamento das fronteiras.

Depois de seis meses longe de casa Anthony finalmente conseguiu voltar para Venezuela. Miriam conta que foi muito difícil fazer com que isso acontecesse sem a abertura das fronteiras. Diversas reuniões e conversas, acordos e negociações foram feitas para que fosse possível seu retorno. Finalmente, no dia 21 de setembro o pai de Anthony conseguiu vir a Pacaraima pelas *troxas* para busca-lo. Conhecer de maneira mais aprofundada o caso de Anthony nos ajuda a pensar de que forma as autoridades lidam com o caso de uma criança desacompanhada que ficou do outro lado da fronteira e foi impossibilitada de voltar para casa. Ele foi deixado ao acaso por seis meses. Seis meses longe de casa, seis meses sem respostas, seis meses de pura saudade e melancolia. Mais uma vez a Casa da Música e Miriam esteve disposta a acolhê-lo dessa vez integralmente. No entanto não são todas as crianças que tiveram essa “sorte” de ter um lugar seguro e acolhedor para ficar. Quando a opção de retorno foi negada, outra deveria ter sido ser proposta, mas isso não ocorreu. É crucial que medidas sejam tomadas do ponto de vista do que será melhor para a criança. As autoridades precisam estar preparadas para lidar com casos como o de Anthony, resolver situações específicas no presente, sem deixar com que a burocracia e as restrições falem mais alto que o bem-estar da

criança.

Pessoas continuam chegando todos os dias em Pacaraima e o Projeto de Miriam se readapta ao novo cenário imposto pela pandemia, onde é priorizado o fornecimento de pão para o maior número de pessoas possível. A Casa da Música busca estar sempre aberta para crianças que chegam e que vão, para as crianças migrantes venezuelanas que precisam ser acolhidas na fronteira com o Brasil. Crianças que têm sonhos, que têm história e que precisam ser ouvidas. Conhecer esse projeto em 2019 foi muito importante para mim e por isso quis trazê-lo para dentro desse estudo. Acredito que mais projetos como esses devem ser criados e espero que esse estudo ajude na valorização de tais práticas.

O projeto busca voltar às atividades regulares e os encontros semanais até janeiro do ano que vem. Tudo será feito com as medidas de precaução necessárias contra o vírus. No período natalino a Casa do Pão vai fabricar Panetones para distribuir para as famílias e para comercializar e arrecadar mais fundos para o projeto.

Atualmente o projeto busca intensificar a produção de pães. Miriam chegou a receber pedidos de pães inclusive do próprio hospital de Pacaraima. Por mais que o estado fronteiriço seja marcado por uma intensa circulação de pessoas, percebe-se o descaso e a falta de infraestrutura e investimento por parte das autoridades do Estado Brasileiro a respeito do estado de Pacaraima, que permanece com a maioria das ruas não asfaltadas, falta de insumos e um número alto de população de rua. No entanto, a Casa da Música segue tentando ajudar, na medida do possível, os que mais necessitam.

Concluo reafirmando mais uma vez que é importante ouvir atentamente as crianças. Realizar pesquisas com o público infantil e jovem é muito importante para compreendermos melhor quais são os diversos atores que participam do fenômeno da imigração venezuelana. As crianças participam ativamente da vida social, transformando e ressignificando os fluxos migratórios. Esses sujeitos precisam ser ouvidos para a formulação de políticas públicas eficientes direcionadas a eles. Um trabalho que os engloba é certamente um trabalho que vê em suas falas e gestos o princípio da mudança.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ Marli E. D. A., Estudo de Caso: seu potencial na Educação, Simpósio Cad. Pesq., (49) : 51-54, maio 1984.

ARREGUI Carola, BORELLI Silvia, PONTUAL Pedro; “Cultura como vetor de proteção: protagonismo de crianças e adolescentes” FUNDASP, 2019.

BAENINGER, Rosana. Migrações Venezuelanas, Apresentação, Ed. UNICAMP Introdução Ed. Observatório das Migrações em São Paulo, p.9-12 “Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil” p. 135-138 “Migrações Transnacionais na fronteira: novos espaços da migração Sul-Sul. Ed. Observatório das Migrações em São Paulo, p. 463-472, 2018.

BHABHA, Jacqueline. Child Migration and Human Rights in a Global Age. Princeton: Princeton University Press, 2014.

CASTRO Carolina; DA SILVA Matheus; VALLIM Alberto; NAKAMURA Luiza; “ACNUR: A situação das crianças e adolescentes refugiados na África Central” In: GUIA de Estudos: Construindo juntos o nosso futuro comum, 2009.

CAVALCANTI, Leonarno; DE OLIVEIRA Tadeu; MACEDO Marília; “Relatório anual 2019: Imigração e Refúgio no Brasil” A inserção de imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados no mercado de trabalho, 2019.

CLACSO, (Consejo Americano de Ciencias Sociales), Voces y experiencias de la niñez y adolescencia venezolana migrante em Brasil, Colombia, Ecuador y Perú, Editora CLACSO, 2020.

COHN, Clarisse, Antropologia da Criança, Editora Jorge ZAHAR, Rio de Janeiro, 2005.

COLANGELO Maria Aldelaida, La mirada antropológica sobre la infancia. Reflexiones y perspectivas de abordaje, Mesa: Infancias y Juventudes. Pedagogía y Formación. Série “Encontros e Seminários”, p. 1-8, 2003.

CONDE, Soraya Franzoni; ALCUBIERRE, Karina Strohhaecker Lisa; Sentidos e percepções de crianças migrantes em Florianópolis; Espaço Temático: Fronteira, Migrações, Direitos Sociais e Serviço Social; Revista Katál, Florianópolis, v. 12, n.2, p. 358- 368, Agosto 2018.

FONSECA, Claudia; “Quando cada caso não é um caso”, XXI Reunião Anual da ANPEd, setembro de 1998, 1999.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GRAJZER, Deborah Esther, Crianças Refugiadas: Um Olhar Para a Infância e Seus Direitos, UFSC, Florianópolis, 2018.

HARTMANN, L. (2018). Voces en la diáspora: cómo los niños inmigrantes cuentan sus historias. *Revista Del Museo De Antropología*, 11, 83-90. <https://doi.org/10.31048/1852.4826.v11.n0.21462>

HARTMANN, L; SILVA, S. T. Pequenas resistências: contação de histórias, performance e protagonismo infantil na escola. *Urdimento (UDESC)*, v. 1, p. 19-35, 2019.

HARTMANN, L. “Arte e a “Ciência” de contar histórias: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática. João Pessoa, 2014.

LEANDRO, Alice Soares; RICHTER Daniela; “O problema das crianças refugiadas: um olhar sobre o parecer consultivo da corte interamericana de direitos humanos – OC/21/14 – E sua aplicabilidade”, 10 Jornada de Pesquisa de Extensão do Curso de Direito, 2016.

LINO, Dulcimarta Lemos, Música, Pesquisa e Infância: Cantorias do *Repente*, Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 18, n 2 , p. 92-112, jul./dez. 2010.

LOBO, Andrea. Mobilidades e etnografias possíveis: entre migrações, refúgios e trânsitos diversos , Revista Textos Graduated – Número 1, Volume 4, Editora UnB, Agosto 2018.

LOBO, Andrea. Entre Fluxos. Fluxos, desafios ao fazer antropológico? Editora UnB, p. 9-28, 2012.

MENEZES, Daniel Francisco Nagao. Migrações Fronteiriças, Introdução do debate das fronteiras no Brasil, , Ed. UNICAMP, p. 291-299, 2018.

MORAWKSA, A. Catarina V. “Os Enleios da Tarrafa: Etnografia de uma parceria transnacional entre ONGs através de emaranhados institucionais de combate à pobreza” USP, São Paulo, 2010.

OIM “Olhar integrado sobre os direitos de crianças e adolescentes refugiados e migrantes é tema do último módulo público de capacitação”, 29/10/2020, Disponível em < <https://brazil.iom.int/news/olhar-integrado-sobre-os-direitos-de-crianc%C3%A7as-e-adolescentes-refugiados-e-migrantes-%C3%A9-tema-do> > Acesso em: 11/11/2020.

OIM “Situação dos Refugiados e Migrantes Venezuelanos Desabrigados em Pacaraima” Agosto/2020, Disponível em: < https://displacement.iom.int/system/tdf/reports/OIM-0820-informe-desabrigados-pacaraima_compressed.pdf?file=1&type=node&id=9798 > Acesso em: 11/11/2020.

PASSARINHO Nathalia, “O drama de Juan e das centenas de crianças venezuelanas que cruzam sozinhas a fronteira com o Brasil”, 09/09/2019, Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49566807#:~:text=Quase%202%20mil%20crianc%C3%A7as&text=Esses%20n%C3%BAmeros%20impressionam%20porque%20representam,e%20foram%20atendidos%20pela%20Defensoria.&text=Destes%2C%2011%2C8%25%20s%C3%A3o,chegaram%20a%20Pacaraima%20completamente%20sozinhos.> > Acesso em: 21/11/2020

PASTORE Marina Di Napoli, Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? Artigo de Reflexão/Ensaio, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, p. 1-14, 2020.

PECSI-FUSARO, Karin Infância Refugiada: Mediação e Agência de crianças Sírias no Distrito Federal, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva. Brasília, DF: UnB, 2019.

PONTES Vanessa, NEVES Fabrício, Vírus telas e crianças: entrelaçamentos em época de pandemia, Simbiótica, Edição Especial, vol. 7, n. 1, jun., p. 87-106, 2020.

RAFFOUL Jaqueline Salmen , “A (in)observância dos direitos das crianças refugiadas Venezuelanas em Roraima”, In: Brazilian Journal of International Relations, Edição Quadrimestral/ Volume 9/ Edição n. 2, 2020.

RIFIOTIS Fernanda Cruz; “Tecnologias de governo e migração internacional: pistas para pensar as experiências das crianças em situação de refúgio no Brasil” Revista de Estudos Empíricos em Direito, 2018.

SCHUCH Patrice; RIBEIRO Fernanda; FONSECA Claudia. “Infâncias e crianças: Saberes, tecnologias e práticas” Saberes, tecnologias e práticas. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 13 (2) 205-220, 2014.

SCHUCH Patrice, Justiça, Cultura e Subjetividade: Tecnologias jurídicas e a formação de novas sensibilidades sociais no Brasil, Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales, Universidade de Barcelona, 2011.

SILVA, Sidney, Migrações Fronteiriças, A fronteira Norte Do Brasil Notas de Pesquisa, Ed. UNICAMP, p.300-303, 2018.

SIMÕES, Gustavo da Frota, Integração social de refugiados no Brasil e no Canadá em perspectiva comparada: Colombianos em São Paulo e em Ontário, Introdução, p. 17-25. UnB, 2017.

SOUSA, Emilene (2017). *Corpo, pessoa e identidade. Capuxu através da infância*. Florianópolis: Editora da UFSC.

TOMAZ Renata, *Youtubers mirins: como a produção de conteúdo on-line por crianças sinaliza uma cultura lúdica digital*, Anpocs: GT 2 – Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura, 2017.

UNICEF “Crise migratória venezuelana no Brasil: O trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes”, 2019, Disponível em < <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil> > Acesso em: 21/11/2020

USNews, “Brazil Partially closing Venezuela border, Allowing Trucks”, 17/03/2020, Disponível em < <https://www.usnews.com/news/world/articles/2020-03-17/brazil-partially-closing-venezuela-border-allowing-trucks> > Acesso em: 11/11/2020

TOYOMOTO, Fernanda, In: UNIVERSA, “Violência contra menor aumenta 14% em um ano; pandemia agrava a situação” 08/ 06/ 2020 Disponível em: < <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/08/a-cada-2-horas-um-menor-sofre-maus-tratos-ou-outras-violacoes-na-pandemia.htm> > Acesso em: 11/11/2020

VILELA, Pedro Rafael In: Agência Brasil “Violência contra criança pode crescer 32% durante a pandemia” 20/05/2020 Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/violencia-contra-criancas-pode-crescer-32-durante-pandemia> > Acesso em: 11/11/2020

WELLE, Deutsche “Número de refugiados e migrantes da Venezuela chega a 4 milhões”, Agência Brasil, 07/06/2019 Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-06/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-chega-4-milhoes>> Acesso em: 07/06/2019

ZURITA Alejandro Mendible, “El testimonio de Francisco Michelena y Rojas sobre el estado de los límites con Brasil (1855-1860)”, Universidad Central de Venezuela, 2013.